

FRATERNIDADE CRISTÃ DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

PLANO DE FORMAÇÃO

Segunda Parte



Continente Americano

FRATERNIDADE CRISTÃ DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

PLANO DE FORMAÇÃO

Segunda Parte

Continente Americano

Plano de formação para o Continente Americano

...na responsabilidade de ir formando-nos em Fraternidade...

+ **As realidades** que se apresentam neste segundo plano de formação, tem tudo a ver com nossa vida diária.

+ **Antes de trabalhá-las** no grupo com que habitualmente te reúnes, dedica um tempo para sua preparação.

+ **O que aqui se apresenta** é um convite, primeiro e antes de qualquer coisa a você mesmo a refletir. Talvez sejam temas aos quais nunca dedicaste tempo, ou ao contrario, são temas do teu interesse. São realidades que ajudarão a teus irmãos de grupo a pensar, a ser mais pessoas, a estar melhor com eles mesmos e também em suas relações com os demais.

+ **Procura, cuida e torna possível** que todos participem. Todos e cada um têm algo a dizer, uma palavra a partilhar. Isso que se diz tão facilmente, nem sempre é fácil de fazer. Não tenhas medo de perder o tempo nele. Só perdendo-o podemos ganhar em humanidade e fraternidade. Todos nos sentimos bem quando podemos expressar o que sentimos e pensamos. Todos nos sentimos bem quando nossa palavra ao ser dita, é tida em conta, escutada, acolhida, valorizada. Assim vamos fazendo-nos mais pessoas em nossa convivência. Educamos-nos e formamos em comunidade.

+ **As realidades que aqui nos são apresentadas** não são lições para dar, nem trabalhos que temos que realizar. É um acercar-se da realidade humana, por isso cada tema tem seu tempo e seu processo. Não se trata de cumprir uma tarefa. Trata-se que nossos irmãos e tu com eles, entrem nessa realidade humana da qual todos somos parte e na qual podemos receber e contribuir experiências que nos enriquecem a todos.

+ **As realidades que trabalhamos**, porque nos aproximam de vida, nos aproximam também do mundo concreto de cada um de nossos irmãos e irmãs. Cada um deles tem processos distintos segundo sua idade, deficiência, experiência de vida, historia pessoal, realidade em que vivem. Convidamos-te a acompanhar com delicadeza estes processos. Não os paralises e que todos possam ir crescendo com a contribuição enriquecedora de todos os que formam teu grupo.

+ **Trate de descobrir a relação** que tem uns temas com os outros quando os trabalhares com teus irmãos. Vivemos num mundo que nos isola, mesmo falando de globalização. Com isso nos impedem de descobrir as relações de solidariedade entre nós e a comum responsabilidade sobre tudo o que fazemos. Não podemos simplesmente passar por cima.

+ **Finalizando o trabalho** com teus irmãos, agradece de coração, não só por mera cortesia, por todo o acontecido. Trata-se de uma rica experiência comunitária na qual todos contribuímos e na qual todos temos direitos que nem sempre são possíveis de realizar.

+ **Talvez até fosse bom**, que ao finalizar cada etapa de formação ou tema trabalhado, se dedicasse um tempo para expressar e partilhar o que cada um foi descobrindo de si mesmo e dos demais e tomar consciência do que vamos aprendendo juntos.

Agradecimentos

A Deus,

Por dar-nos a vida e a oportunidade de conhecer a proposta da FRATER,
Por permitir-nos colaborar neste trabalho repartir os talentos com o desejo de contribuir através deste Plano de formação, a manter a identidade deste movimento de evangelização fundado por Mons. Henri François para a promoção humana e espiritual das pessoas com deficiência.

Aos que contribuíram na elaboração das fichas

A Equipe Coordenadora do Continente Americano 2005-2009

Fanny H. Wong, Coordenadora Continental

Claudia Padilla, Coordenadora de Área I

Max Anaya, Coordenador de Área II

Salete Milán, Coordenadora de Área III

Fr. Miguel Angel Arrasate, op. Assessor Continental

Fr. Nelson Junges, ofm. Assessor adjunto Continental

Francisco Cerignoni, Conselheiro de projetos

Com o apoio de

Dolors Vázquez, Coordenadora Intercontinental

Pe. Albert Arrufat, Assessor Intercontinental

Na Diagramação em português

Imagine Design

Tradução e Correção

Francisco Nuncio Cerignoni, Rosane Gil Valente, Salete Milan,

Ir. Angela Smiderle e FNelson Junges

Com a ajuda dos amig@s das comunidades de

Kappelrodeck, Waldulm, Ottenhöfen e Seebach

Aos grandes amigos que colaboraram anonimamente

PLANO DE FORMAÇÃO - II PARTE

ÍNDICE

FICHAS Nº.	CONTEÚDO	Página
E. FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ		
1.	Uma tarefa de toda vida: conhecer-nos e assumir-nos (autoconhecimento)	11
2.	O mais nobre: ser nós mesmos (coerência).....	13
3.	O compromisso social: uma tarefa comum.....	15
4.	Ser éticos na vida	17
5.	Mulheres e homens novos.....	19
6.	Um caminho aberto: a família.....	21
7.	Sexualidade: só amando somos nós mesmos.....	23
8.	Neoliberalismo versos Evangelho.	25
9.	A fraternidade globaliza a dignidade de toda pessoa humana.	27
10.	Ser críticos para viver e não só passar pela vida.	29
11.	Contemplativos em nosso fazer diário.	31
12.	A fraternidade: mística de amor.....	33
13.	Trabalho em equipe e Frater.....	35
14.	Frater: geradora de paz.....	37
15.	Sem discriminação.....	39
16.	Inclusão e exclusão.....	41
17.	Meios de comunicação social.....	43
18.	As visitas.....	45
19.	Assessorando em fraternidade.	47
20.	Colaboradores de fraternidade.....	49
F. FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL		
1.	Direitos Humanos.....	53
2.	Classificação dos Direitos Humanos.....	55
3.	Fundamentos dos Direitos Humanos	57
4.	Participação Cidadã	59
5.	Convenção Internacional de Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência.....	61
6.	Fazendo uso da Convenção Internacional de Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência	65

G. ESPÍRITO ECUMÊNICO

1. Fraternidade com Espírito ecumênico	71
2. Irmãos e irmãs cuidando da casa de todos.....	73
3. Espírito ecumênico e cultura	75
4. Espírito ecumênico e afetividade	76
5. Espírito ecumênico e corporeidade	77
6. Espírito ecumênico e trabalho	79
7. Espírito ecumênico e religiões	81
8. Espírito ecumênico e Fraternidade	82

H. ANEXOS

1. O marceneiro e as ferramentas.....	83
2. Pequeno histórico do movimento	84



**FORMAÇÃO HUMANA
E CRESCIMENTO NA FÉ**

**FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ.****Tema 1: Uma tarefa de toda vida: conhecer-nos e assumir-nos (autoconhecimento)**

Objetivo: Aprender a olhar-nos tal como somos, sem medos nem ressentimentos, para ir aprendendo a viver com minha realidade, a partir dela ser eu mesmo na sociedade.

Fato da vida – situação de vida

A imagem vende. A realidade deixa muito a desejar, então?

Desenvolvimento do tema

A palavra, o olhar ou o silêncio dos que nos rodeiam, muitas vezes, nos afeta profundamente. A palavra dos que estão ao nosso lado, é uma palavra, um ponto de vista e não o único. A todos, de uma maneira ou outra, nos prejudica o depender do que os demais possam dizer-nos. Ninguém é insensível diante do que acontece a nosso redor. Eu também tenho uma palavra a dizer, uma forma de ver a oferecer. Sou “palavra e parecer”.

Aprender a olhar-nos e olhar-nos bem é muito importante. É uma responsabilidade de toda uma vida. Quando nos olhamos bem, começamos a querer-nos e já não deixaremos de ser nós mesmos, mesmo que nos olhem de forma equivocada.

Olhar com bons olhos nosso corpo, pois esse corpo somos nós: corpo ferido (na vida todos temos feridas: ferem-nos e ferimos, essa é uma verdade cotidiana), com cicatrizes, com anos de história, com uma mobilidade reduzida; corpo que sente as cores em vez de vê-las, que rompe os esquemas comuns do estabelecido pois com os pés acaricia e pinta com liberdade; esse corpo que muitos não desejam para si porque com ele se destrói seu “ser homem” ou seu “ser mulher”... esse corpo, não o dos outros, sou eu mesmo. Aprender a contemplá-lo é começar a querer-nos e a partir daí, descobrimos o que para outros passa despercebido e que só na proximidade colaboradora, pode ser captado. Este corpo, não outro, sou eu. Querê-lo, amá-lo, é tarefa de todos os dias, como o querer e o amor. O amor só cresce amando, sem amar, se morre.

Admirar as pessoas que nos ofereceram a vida. Quantas vezes eles e nós, de modos diferentes, podemos ter-nos sentido culpados! Muita gente ainda sente isso dentro de seu próprio ser. É como ter a coluna vertebral da vida quebrada. Aprender a descobrir que a vida, toda ela, é um mistério, é um objetivo nem sempre fácil de viver. Somos únicos, irrepetíveis. Somos assim pela vida presenteada. Muitas vezes sofremos pela vida não assumida. Romper os medos que nos fazem estar em silêncio e buscar as palavras que nos aproximam de nossas profundidades, sem ferir de novo, para estabelecer diálogo e luz com o pai, a mãe, a filha, o filho, a irmã, o irmão... é todo um caminho por fazer. Aí podemos descobrir um mundo onde não há culpados e iniciar a auto-estrada larga e ampla da reconciliação.

Nossa história assumida, com suas dores, feridas e alegrias, é fonte de sabedoria; também nos permite compreender e sentir a vida dos outros e ser geradores de vida, precisamente porque assumimos o mistério surpreendente de nossa própria história. Conhecer-nos e assumir-nos nos permite ir realizando o sonho que desejamos: caminhar com os demais... “nada por nós nem para nós, tudo “conosco”. Este sonho só o poderemos realizar se sonharmos acordados, com os olhos bem abertos, olhando-nos sempre com bons olhos, sentindo-nos, sabendo-nos dignos, com a mesma dignidade que todo homem e mulher tem.

Para refletir em grupo:

VER:

- Todos temos nossa própria história. Alguma vez te pusestes a pensar nela para descobrir tudo o que nela foi acontecendo? Partilhaste, alguma vez, algo dela com alguém?
- Os outros poderão ver-te segundo seus olhos, tu como te olhas e te vês a ti mesma(o)? Como te sentes contigo mesmo(a)?

JULGAR:

- O que mais podes descobrir em ti: sentimentos de rejeição, de culpa ou de alegria por seres quem és? Assumes tuas necessidades? Tens consciência de tuas possibilidades? Partilha com quem vive a teu lado?
- Os demais – família, vizinhos, autoridades de todo tipo, meios de comunicação, organizações internacionais – poderão dizer e dizem, e sua palavra tem peso..... mas tu que dizes de ti mesmo? Procuras conhecer-te em toda a riqueza que és?
- Vives em uma família, como vives e vivem a realidade da deficiência, e qual é o reconhecimento de tuas capacidades?

AGIR:

- O que podes fazer para conhecer-te mais e assumir-te como és?
- O que podes fazer em teu grupo para que cada um(a) se conheça a si mesmo(a) e assuma sua vida?

Textos bíblicos que podem iluminar a reflexão:

Genesis 1,27.31. Lucas 2,6-7. João 1,11.14.

**FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ.****Tema 2: O mais nobre: sermos nós mesmos (coerência)****Objetivo:** Tomar consciência do quanto é importante assumir a responsabilidade de sermos nós mesmos. É o melhor presente que podemos oferecer aos que convivem conosco.**Fato da vida - situação de vida**

Ler “aquele que se atreve é como a árvore...” (pág.121) e “descobrimo seu verdadeiro rosto” (pág.123), nas Mensagens do P. Fancois

Desenvolvimento do tema

Todos, desde nossa infância, tivemos alguém decidindo sobre nós: meu filho será... Já adultos vamos delineando o que desejamos de fato ser, mas a sociedade nos apresenta modelos que, ao não ser como estes, provocam em nós sentimentos e duvidas pelo fato de não ser o que as pessoas esperam de nós. Podemos com toda a honestidade preparar-nos para o que realmente sentimos ser nossa vocação e o ambiente onde vivemos nos diz: sua opção não nos interessa, você não pertence ao partido que neste momento coordena a política do país. Questão séria esta de tornar-nos e sermos de fato nós mesmos, o ser coerente, o ser honesto, o ser pessoa com critérios definidos. Esta realidade nos faz, de maneira muito sutil, considerar-nos menos. Talvez por isso um dos temas mais falados hoje em dia e nem sempre bem trabalhados, é o da auto-estima.

Não estamos na vida para ficar bem diante dos outros. Nada mais frustrante. Por trás desse critério, quanta dupla moral! Tudo isso nos classifica. Tratemos sempre de ser nós mesmos, isto é, de fazer o bem e não por ser pessoas religiosas a quem “supostamente não está permitida outra coisa”. Este caminho, nem sempre é fácil. Nem sempre é valorizado, também não reconhecido, inclusive nem pelos mais próximos a nós. No entanto, quando nos encontramos com gente que é ela mesma, todos sentimos respirar melhor o sentido da vida. Quando estamos ao lado de alguém honesto, coerente, que vai pela verdade, que diz o que sente e pensa, fruto de seu fazer diário, sentimos estar diante de alguém que merece todo nosso respeito e consideração. Isto nos faz descobrir que podemos viver de outra maneira. Quando em nossas visitas ou encontros convivemos com gente que vive com simplicidade, sentimos que a vida e os valores não dependem do externo, e sim de uma riqueza que levamos dentro e que precisamos cultivar e cuidar; também sentimos que é possível viver de forma nova. O caminho sim é possível, ainda que não seja fácil. Dificuldades existem, mas também existem em nós as capacidades para enfrentá-las, superá-las.

Ninguém fará por nós o que podemos fazer por nós mesmos. A vida é uma tarefa pessoal. Ninguém pode vive-la por nós. Todos podemos vive-la e vive-la com os outros. Por que não fazê-lo? Por que não tentá-lo? Se precisamos de ajuda? Por que não solicitá-la? Que há de mal nisso? Esta ajuda não prejudica a ninguém.

Nós mesmos, nossa vida, e esta vida com os demais, é o melhor investimento que pode ocupar-nos. A própria convivência com os demais, é uma ajuda. Refletir sobre nossos valores, o que fazemos ou deixamos de fazer, em que ocupamos nosso tempo, tudo isso também nos revela e ajuda a conhecer-nos melhor. As leituras bem escolhidas podem abrir-nos perspectivas novas; um bom livro é um companheiro bom no caminho. Há pessoas capacitadas para ajudar-nos a entrar em nosso mundo, acompanhar-nos nesse caminho e brindar-nos ferramentas para que façamos o que de verdade queremos fazer. De fato merecemos dedicar-nos nosso tempo, essa é nossa contribuição para uma sociedade nova.

Trata-se de fazer o bem, sendo nós mesmos; é nosso direito, também nossa responsabilidade. Não se trata de ficar bem diante dos demais. Nenhuma outra autoridade, a decidir por nós em nossa vida.

Para trabalhar em grupo:

VER:

1. Que influência sentes ter em você as mensagens que a sociedade e seus meios fazem chegar e respirar todos os dias? És crítico ante elas ou te deixas seduzir?
2. Que coisas em nossa sociedade e Igrejas mostram que as pessoas se movem em função do que os outros dizem?

JULGAR:

1. Que buscas na vida: ficar bem ou fazer o bem?
2. Sentiste-te mal, incompreendido ou ridicularizado por fazer o bem e manter teu critério?
3. Dedicar tempo para ler livros, artigos, ver programas que te ajudem a crescer como pessoa?
4. Sentiste necessidade de alguma ajuda profissional para poder assumir tua vida com responsabilidade? A manifestaste? Sentiste-te mal por necessitar isso?

AGIR:

Que podes fazer em teu grupo para estimular a coerência em relação ao que cada um acredita e pensa, sem deixar-se manipular pelo “que vão dizer”?

Texto bíblico: Atos 10,37-39.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ.

Tema 3: O compromisso social, uma tarefa comum

Objetivo: Ir criando consciência do compromisso social de que todo ser humano deve viver em favor de uma vida mais humana, digna e justa, partindo sempre das necessidades dos mais pobres.

Fato da vida – situação de vida

Todos os governos nacionais e a ONU aprovaram leis e convenções sobre as pessoas com deficiência. Porém isto não gerou mudanças significativas na vida destas pessoas. As pessoas com deficiência seguem sendo excluídas da vida social e política. Os espaços de participação e decisão são poucos, normalmente ficam fora das esferas de decisões políticas.

Desenvolvimento do tema

Toda convivência humana precisa de um mínimo de critérios ou valores que a cuidem, impeçam sua deterioração e favoreçam seu desenvolvimento integral. O mesmo ocorre nas diversas associações e movimentos, já que o bem comum é mais amplo e ninguém deve ficar excluído deste bem. Todos têm direito a vida pois, a vida com dignidade, é patrimônio da humanidade a ser cuidado por todos.

O bem comum sempre deve estar presente em nosso agir e desde este agir espelhar tudo o que fazemos ou deixamos de fazer. O bem comum é a preocupação pelo desenvolvimento espiritual e humano de todos, para que todos nos tornemos verdadeiramente responsáveis por todos. Este bem comum não é algo definido ou decidido pela maioria ou que uns poucos decidem sobre todos. O bem comum sempre tem como perspectiva e ponto de partida o bem dos mais pobres. Por isso, na busca deste bem comum, devemos ter em conta e analisar o ponto de vista deles, buscando sempre meios de como responder a suas necessidades. Esta maneira de atuar é tornar realidade o que Jesus manifesta no evangelho: “quando o fizerem com algum dos mais pequenos destes meus irmãos, o fizeram a mim” (Mateus 25,40). Por isso, toda política deve focar suas ações concretas a favor da realização deste princípio humano e social.

A solidariedade é outro princípio em nosso atuar social; ela é a expressão social da caridade, a expressão social do amor ou se queremos o amor social. A solidariedade, por ser uma manifestação do amor, é nossa capacidade de estender o amor humano a círculos cada vez mais amplos, atingindo cada vez a mais e mais pessoas. Porque a solidariedade é prática de amor, tudo o que tem a ver com o amor tem a ver com a solidariedade. Por ser a solidariedade expressão do amor, ela sempre abre as fronteiras nas quais podemos estar encerrados e nos aproxima a pessoa concreta, em sua necessidade, para responder com dignidade. A solidariedade, por ser expressão do amor, é amar e o amor rompe barreiras, distâncias, ideologias e vai mais além das confissões religiosas que, com muita frequência, tendem a encerrar-nos em nome de um Deus que, em vez de encerrar, nos convida a cuidar da vida de todos, pois é um Deus que quer Vida em plenitude para todos. A solidariedade nos inter-relaciona uns com outros. A solidariedade é outra forma de tecer a cultura do cuidado da vida.

O princípio de subsidiariedade é outra realidade a ser vivida, pois protege a pessoa humana, as comunidades locais e os grupos intermediários do perigo de perder sua legítima autonomia no exercício de suas possibilidades com respeito ao governo central ou nacional. Não se trata de um desentender-se, por parte do estado, do social ou do bem comum, senão de procurá-lo ajudando e respeitando a ação autônoma e legítima que as comunidades têm.

Estas realidades, frutos dos princípios básicos enumerados, nos aproximam de uma realidade plenamente humana: nossa responsabilidade em tudo o que diz respeito ao bem comum e a vida de todos os nossos semelhantes, por isso: “Nada sobre nós, sem nós”. É um caminho que ainda nos custa fazer e que, no exercício concreto, às vezes faz com que as próprias leis se voltem contra quem defende seu direito a participar responsabilmente no bem que nos pertence a todos. Urge então, cuidar e velar o exercício de todas as políticas que nos regem, para que estas de fato estejam a serviço do bem público desde a ótica do mais necessitado e assim aprendamos a viver com simplicidade para que todos simplesmente possam viver dignamente.

Para trabalhar em grupo:

1. Ler o texto bíblico de Mateus 25,31-40.
2. Formar grupos para trabalhar os princípios básicos de nosso agir social:
 - a) O **bem comum**
 - Temos uma postura transformadora na nossa realidade social ou simplesmente a aceitamos?
 - Nossas propostas levam em consideração as necessidades da maioria ou só as nossas?
 - Quais são as propostas da maioria das pessoas com deficiência no meu país ou região?
 - Como caminhar com elas?
 - b) A **participação**
 - Como vivemos esta realidade em nosso grupo?
 - Temos oportunidade de dar nossas idéias na sociedade e na política?
 - Como contribuímos?
 - c) A **solidariedade**
 - Estamos sendo solidários com os mais pobres e simples?
 - Que fizemos com eles, não por eles?
 - Como reagimos enquanto grupo, quando descobrimos pessoas com necessidades urgentes?

Orientações: Cada grupo elege um coordenador que facilite o trabalho do grupo e um relator que anote as idéias principais para expor em plenário. Cada grupo responderá as perguntas que lhe correspondem. O trabalho pode ser realizado em 20 minutos. Tempo de plenário e debates: durante cinco minutos, exposição por grupo das conclusões dos participantes.

AGIR: Planejar uma ação comum, trabalhada por todos, assumida por todos e que seja realizada por todos.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 4: Sermos éticos na vida

Objetivo: Tomar consciência da importância de sermos honestos, éticos em nossa maneira de atuar e relacionar-nos com os demais.

Fato da vida - situação de vida

Todos temos nossa história própria cheia de “não faça isto” ou o outro, “faça aquilo” e “não permitas que”... a maioria dos conselhos são para que ninguém interfira em nossa vida e para sempre sairmos ilesos de tudo. Busca-se construir um viver onde ninguém moleste a ninguém; poucas vezes se nos educa para viver com os outros e quando isto ocorre, as ocupações diárias parecem colocar-se de acordo para dizer-nos que isso não conduz a nada; esta realidade aparece em todos os níveis: no mundo das escolas, das igrejas, do trabalho. As contradições entre o que se diz e o que se vive são abismais. Alguns dirão: falta-nos ética.

Desenvolvimento do tema:

Parece que o outro, semelhante a nós em humanidade e dignidade, não é alguém que está aí para ser meu irmão, e sim um possível inimigo ou alguém de quem devo cuidar-me ou ter com ele uma relação menos comprometedora. Esta realidade indica que há algo caduco, que não funciona, desumanizador, gerador das duplas moralidades, ou de um estilo de vida que muitas vezes se manifesta em expressões como esta: “esse é teu problema”, “salve-se quem puder” ou que devemos seguir a política do “espertinho”. Expressões que falam da sabedoria da sobrevivência, para sentir-nos seguros e protegidos, mas que também evidenciam a sociedade que construímos, com falta de humanismo e, em todos os aspectos, contrária ao evangelho.

Somos mulheres e homens, humanos que acreditamos na vida, ela é um presente, deve ser cuidada, valorizada, defendida, celebrada e também partilhada. cremos no Deus da vida. Somos pessoas que sentimos a urgência da realidade que se mostra em expressões de vida como esta: “levanta-te e anda”; sem nós, a sociedade e as igrejas estão incompletas porque todos formamos e somos o corpo de Cristo. Sentimos, cremos e já experimentamos também que há outras formas de conviver com os demais.

Trata aos outros como desejas ser tratado. Não faça aos outros o que não desejas que te façam. Estas expressões nos aproximam de alguém que esteve entre nós “fazendo o bem”. Estas expressões têm valor porque nos falam de uma vida, de uma maneira de ser, por isso são verdade feita vida. Esta maneira de focar e viver a vida pode ser ponto comum a todos os que nos dizemos humanos, sem diferenças de classes, credos, línguas e modos de relação. Esta é uma maneira de viver e manifestar o amor que temos a nós mesmos. O amar aos outros como a nós mesmos, não fala de egoísmo, ao contrário, manifesta uma valorização da própria vida e porque amamos a vida em nós, queremos essa mesma vida, na vida dos que nos rodeiam. Agindo assim colocamos diante dos demais, na sociedade em que vivemos, o valor fundamental da vida e a convivência digna que para todos desejamos. Vivendo assim oferecemos uma alternativa nova – a ética da vida – que a todos nos faz mais humanos. Viver assim nos educa na fortaleza, no tédio, na paciência, na compreensão, na firmeza, na ternura, na compaixão, na misericórdia, na coragem, no ser apaixonados pela vida. Viver assim é dizer: “nada do humano nos é indiferente”, “tudo o que tenha que ver com o humano não é alheio a nós”. É uma proposta nova para uma sociedade que, falando de direitos humanos, de ética em suas relações, com facilidade os desrespeita e viola. Esta maneira de viver e de estar nos possibilita a todos ser mais fraternos.

Perguntas para trabalhar em grupo:

1. O “salve-se quem puder”, o “espertinho”, o “esse é teu problema”, que conseqüências geraram em nossas vidas e formas de ser?
2. Tivemos experiências de valorização por sermos humanos com os demais?
3. Tivemos alguma experiência de ser considerado “tolo, tonto ou coitado” por haver mostrado humanidade com nossos semelhantes?
4. Nos damos conta que, a partir de nossas realidades, podemos despertar em nossos semelhantes tudo o que tem a ver com a ajuda desinteressada de uns com os outros simplesmente porque isso é próprio de humanos?
5. Como podemos dar-nos conta de que é possível sermos geradores de um estilo novo de convivência?
6. Que podemos fazer para promover atitudes pessoais e coletivas mais éticas?

Dinâmica:

Dividir em grupos e pedir que apresentem uma dramatização (sócio-drama) onde se mostre uma situação não ética e como se pode transformá-la. Partilhar em plenário.

Texto bíblico: Jo 8, 3-11;
Mt 19, 16-22.

CHAVE DE LEITURA - Para o texto Mt 19,16-22

Na ótica do Antigo Testamento	Na ótica do Novo Testamento
Não matar →	Defender a vida
Não adulterar →	Ser fiel a origem
Não roubar →	Ser justo
Não levantar falso →	Ser verdadeiro
Honrar pai e mãe →	Respeito a vida e às pessoas
Amar o próximo →	Amar
Vender seus bens →	Partilhar bens e vida



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 5: Mulheres e homens novos

Objetivo: Tomar consciência de que somos gestores de uma maneira nova de ser homem e mulher, sendo assim construtores, em nosso agir diário, de uma sociedade nova.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Vamos descobrindo, em meio a situações nada fáceis, a urgência de outra maneira de ser e viver. Sentimos dentro de nós o grito da responsabilidade de sermos nós mesmos ainda que as vezes não vejamos claro todo o caminho.

Não estamos de acordo com a neurose atual expressa na preocupação pela imagem (aparência), ou em avaliar as pessoas e coisas pelo econômico; a competição a qualquer preço e o jogar com a feminilidade e a hombridade, pois tudo isso indica com toda clareza, que não importa a pessoa humana nem sua felicidade. Ao contrário, se coloca a felicidade em coisas passageiras fazendo da sociedade e das relações uma fonte de depressões. Neste processo, só os mais fortes podem arriscar-se e os mais frágeis estão condenados a marginalização.

Mulheres e homens caminhamos com estilos de vida e formas de agir que, com muita frequência, em vez de criar proximidade e companhia libertadora na vida, geram machismos, dominações, dores, angustias, impedindo que cada um possa dar o melhor de si, para sentir-se um ao lado do outro, de igual para igual.

Nossa historia é fonte de sabedoria. Sabemos o quanto dificulta o crescimento quando se criam ou estabelecem relações de dependência. A liberdade é algo mais que um desejo, é uma meta, uma maneira de ser, uma conquista a ser trabalhada dia a dia. Damo-nos conta de que a sociedade começa a balbuciar, é muito o que falta por fazer no sentido de uma convivência mais humana, digna e fraterna. Assumir nossa vida tal como é, também a de nossos irmãos e irmãs, é um verdadeiro poço de água fresca que nos pode saciar a sede e que podemos partilhar com aquele que deseja refrescar-se no caminho (João 4,1-45). Todos temos muito que desaprender (os machismos, o sentir-se menos, a violência...) e muito a aprender (respeito, carinho, valorização das diferenças...) neste caminho. Teremos que romper os silêncios que não permitem crescer uns e outros. Teremos que ir deixando de lado os medos. Teremos que assumir o desafio da liberdade. Teremos que trabalhar atitudes novas. Iremos dando passos bem concretos que façam possível, experimentável e digno de fé, esse homem novo e essa mulher nova que queremos ser.

É muito importante que, ao reconhecer-nos na mesma dignidade e com os mesmos direitos como mulheres e homens, reconheçamos também nossa individualidade e os valores diferenciados na sensibilidade, a percepção ou as reações próprias de cada um.

Através dos tempos, pela falta de reconhecimento das diferenças e das capacidades de cada um, cultivaram-se relações de desigualdade onde o atuar de um era mais importante que o do outro. Temos hoje necessidade de recuperar a dignidade das mulheres. A busca de superação desta realidade gerou o movimento de libertação da mulher. Não é questão de que a mulher seja mais ou vá ocupar o lugar do homem. Trata-se de reconhecer que nada é exclusivo do homem, nem privativo da mulher. Ambos temos capacidade de resposta livre frente a qualquer situação e é, desde esta resposta, que aprendemos a ser verdadeiras mulheres e verdadeiros homens, irmãs e irmãos, em uma interdependência amorosa.

Para trabalhar em grupo:

VER:

1. Como me sinto enquanto mulher, enquanto homem?

JULGAR:

1. Como sonho que pode ser a relação mulher-homem na comunidade que vivo? Atrevamo-nos a sonhar com os olhos bem abertos.

2. Diante das realidades de confrontação entre mulher-homem que acontecem, qual é minha atitude?

AGIR:

1. Como podemos dar duração e sentido ao desejo de Deus de que homem e mulher sejam os cuidadores da vida para que esta seja abundante para todos?

2. Como devem ser as relações homem-mulher para que vivam de forma harmoniosa e com equidade? Dê exemplos de atitudes construtivas.

DINÂMICA:

Dividir em grupos de 6 pessoas para elaborar uma encenação(dramatização) de uma relação homem-mulher construtiva no lar, no trabalho, na comunidade. Igualmente fazer, encenação de relações negativas ou destrutivas.

Texto bíblico: Jo 4, 1-45.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 6: Um caminho aberto: a família

Objetivo: Conversar e tomar consciência do direito a construir uma vida em família.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Temos capacidade de amar. É quase nosso melhor distintivo. Jesus, como único pedido mandou que nos amássemos como ele amou. Amar neste sentido é fazer feliz ao outro. Incluir dialogar, conhecer-se em profundidade para compreender as razões do atuar de um diante do outro, é viver o perdão e a reconciliação, é mais que exigir, é um ser o cuidador ou o guardião da solidão do outro.

A pergunta chave é se amamos. Transformamos o amor em um objeto de consumo, onde cada um pega o que lhe interessa e lhe agrada, longe de seu sentido original que é brindar ao outro uma relação que ajuda ao crescimento de ambos. Nosso amor define nossa existência. Não podemos pedir que nos amem – o amor sempre é um presente – mas ninguém pode impedir-nos de amar. O amor inclui o corpo, a sexualidade, como energia de vida a expressar-se nas múltiplas formas de ser um com o outro.

Porque então não fazer realidade o amor através de uma relação de casal? Porque fechar nossas portas a realidade de construir uma família? Porque truncar em nossa vida a possibilidade do beijo, da carícia e sentir que nossos corpos somente amando são o que estão chamados a ser? Como todos, temos nossas capacidades para criar relações e também para cuidá-las e compartilhar a vida com quem nos rodeia.

O amor tem muitas formas de dizer-se e de expressar-se. O amor cresce no silêncio partilhado, no olhar mútuo, nos diálogos nascidos da escuta carinhosa ao sentir da pessoa com quem compartilhamos a vida. O amor sempre é novo em cada relação amorosa que tenhamos, seja pela amizade ou pela entrega de um ao outro. Por isso o amor é o que expressa melhor Deus, pois é dar-se um ao outro a exemplo de Jesus (1Cor.13,1-7). Porque então, não fazê-lo realidade em nossa vida e fazer de nossa experiência de vida, um presente que inspire aos demais e possam eles também descobrir a riqueza e a maravilha que é o amor entre duas pessoas?

O amor nos leva a cuidar da pessoa que amamos. O amor nos faz pessoas responsáveis. Nos convertemos em pequenos príncipes responsáveis pela rosa porque sabemos que só a podemos ver bem com os olhos do coração. Por isso, construir uma família, expressão do amor que nos queremos, é uma responsabilidade. Construir uma família não é um jogo.

Formar família não é dizer agora sim sou homem ou agora sim sou mulher. Porque somos pessoas com capacidade de amar, podemos construir uma família, e com responsabilidade assumir as realidades que este caminho nos oferece.

E quem não quiser viver esta capacidade de amar na forma de família, viva-o em tantas outras formas dignas, que lhe façam dar sentido a vida.

Para refletir:

VER:

1. Como é a relação com minha família?
2. Qual é a realidade das famílias na comunidade e na sociedade?

JULGAR:

1. Que entendemos por amar?
2. Como crês deve ser a relação de casal para que sejam felizes juntos?
3. Que caminhos podem ser buscados para superar as crises numa relação de amizade ou de amor?
4. Maria e José, uma relação construída em meio a dificuldades e mantida pelo amor (Mt.1,18-25;2,13-16.19-23; Lc.2,7.16.33-35.39.41-5; Mc 3,20-21;6,2-6)
5. Em nossas relações há dificuldades, que força tem nelas o amor?

AGIR:

1. De que formas podemos expressar nosso amor?
2. Como podemos contribuir na construção de uma sadia e amorosa vida familiar?



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 7: Sexualidade: só amando somos nós mesmos

Objetivo: Aprofundar a riqueza de toda convivência; tomar mais consciência no ser gestores de relações dignas e humanas e sobretudo naquelas coisas que muitas vezes a deterioram.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Somos seres sexuais, de carne e osso, parte do cosmos, nele vivemos e ele é nossa casa comum. Toda esta realidade é boa. Não é inimiga nem nociva a nossa vida. Somos chamados a ir construindo uma convivência fraternal com ela. O encontro com nossos semelhantes nos faz descobrir que o outro é carne de minha carne e osso de meus ossos, iguais em dignidade, com um corpo e uma sexualidade para viver e tecer todas aquelas relações que nos façam crescer em humanidade. Este mundo e caminho das relações, o sabemos todos, é muito variado e diverso mesmo quando todos queremos chegar a um destino comum: viver a intimidade em nossas relações, com amizades sinceras, com este amor que faz feliz ao outro e nos permite ser plenamente humanos, ser felizes.

Ao longo da história, os olhares e os sentimentos das pessoas passaram por momentos de deterioração prolongada, de perda da integralidade, e inclusive a ponto de fazer da deterioração uma forma de ser, cultura, costume, tabu, preconceito e a partir deles, com a maior normalidade se vê a vida, se olha a si mesmo e se acaba criando relações que nem sempre nos humanizam. (João 8, 1-11).

Todos temos conhecimento dos assédios e agressões sexuais que não estão restritas a países ou classes sociais. Também ouvimos falar do negócio sexual em suas versões diversas (turismo, pornografia infantil, prostituição obrigada, etc.). Assim como não nos é estranho o culto que hoje em dia, de uma maneira muito bem elaborada e atrativa, se rende ao corpo, passando da mulher objeto ao homem objeto e por detrás de tudo isso, o culto ao dinheiro que deteriora e distorce olhares, sentimentos e relações de convivência.

Não é novidade para ninguém de nós o fato de ouvirmos falar de culturas indígenas como fósseis a guardar, deixando de lado sua realidade de pessoas semelhantes a nós, iguais em dignidade, com idênticos direitos aos nossos. Também descobrimos sentimentos ambíguos em relação à pessoa que tem cor diferente da nossa em sua pele: ainda se conserva o culto ao homem e mulher brancas, celebramos a beleza de um corpo negro num campo de jogo, o exibimos como um objeto de grande potencia sexual, e o evitamos quando os noticiários os apresentam chegando em lanchas e buscando espaço, e normalmente lhes oferecemos aqueles trabalhos que não desejamos, fazemos luzir sua cor em nossas roupas e cuidamos que nossos filhos ou filhas sejam morenos, cor chocolate, de um tom canela, mas nunca negros.

Os machismos ainda nos pesam e sua não libertação nos leva a estilos de vida escravizantes, geradores de violências de todo tipo: violência contra a pessoa homossexual ou lésbica, vista e julgada de forma muito limitada, desde a sexualidade comum de todos e não desde o que verdadeiramente nos define como pessoas: o direito a amar, nestes casos, amar a alguém semelhante a ele; igual é a realidade de violência contra a mulher que deseja ser gestora de sua vida e responsável de suas decisões em todos os aspectos e expressões da vida.

Não podemos deixar de lado a realidade humana dos que vivem afetados pelo HIV. O estigma no qual foram obrigados a viver precisa de atenção, proximidade e tratos novos para que sejam considerados como realmente são: seres humanos, como nós, com direito a uma vida em plenitude, como todo ser humano.

Precisamos voltar ao primeiro olhar que fez exclamar: “é carne de minha carne e osso de meus ossos” (Gênesis 2, 23); esse olhar que nos permitiu ver-nos bons, agradáveis, desejáveis, atrativos, companheiros de caminho, convidados, desde nossa sexualidade e genitalidade a relações que nos façam sentir que nos queremos e nos amamos. Relações, enfim, que dêem sentido a nossa vida e nos façam viver a vida com pleno sentido. Todo um caminho a realizar e a viver, um caminho a aprender, cheio de surpresas e que a todos nos abre questionamentos. Tudo isto é saudável, pois só ao aproximar-nos da realidade do homem e da mulher, pessoas que nos vamos fazendo, que vamos nos dizendo, que vamos nos descobrindo e que convidam a ir deixando de lado todas aquelas coisas que nos impedem sermos seres plenamente humanos, pessoas que amam e promovem o bem um ao outro, pessoas que constroem humanidade.

Para trabalhar em grupo:

1. Qual é a diferença entre genitalidade e sexualidade?
2. Que preconceitos, costumes, tabus não me deixam ver-me e ser visto como a pessoa que realmente sou?
3. Que valor dou a minha sexualidade? Sinto-a e a vivo como energia de vida e desejo de intimidade ou a reduzo ao prazer corporal e genital?
4. Tenho amigos, companheiras, de outra raça ou cor diferente da minha? Como os trato? Como se sentem eles comigo?
5. Que valorizo mais na vida: a capacidade de amar ou a orientação sexual das pessoas?
6. Sou causador de violência nos lugares onde vivo através de meu trato, palavras, comentários?
7. Que trato dou a pessoas com HIV?
8. Descubro-me gestor de relações novas, humanas?

Textos bíblicos: Gn. 1,26-31;2,18-25;Mt. 1,24-25;Lc.2,6-7;Jo.1,14-17;
Mc.1,40-45.

**FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ****Tema 8: Neoliberalismo versus Evangelho****Objetivo: Refletir sobre a dimensão da tarefa evangelizadora, frente ao projeto Neoliberal que nos rodeia.****Fato da vida – situação de vida**

Muitas vezes acontece que ao propor-se uma coleta para um projeto de solidariedade, ou ajuda ao grupo, todos se queixam que não tem dinheiro. Mas ao mesmo tempo, se somos convidados a uma roda de cerveja, então se tem dinheiro.

Desenvolvimento do tema

De fato, na vida, há dois projetos distintos que tentam conviver e nos quais estamos todos envolvidos. Por um lado está o Projeto do Evangelho que busca concretizar a Vontade de Deus que quer a todos felizes e partilhando no amor sua riqueza divina, e por outro lado está o projeto Neoliberal com sua força concentradora no poder e na dominação econômica.

Para situar-nos nesta confrontação, propomos um quadro com aspectos que mostram a diversidade de horizontes e a dimensão da tarefa evangelizadora.

CARACTERÍSTICAS	PROJETO NEOLIBERAL	PROJETO DO EVANGELHO
SUJEITO	O capital	A pessoa
OBJETO	A pessoa	A partilha, a solidariedade
GERA	Morte Exclusão Não quer mudanças	Vida Respeito Exige mudanças, conversão
QUER	Lucros, ganhos Competir Concentração de bens e poder	O bem comum Ajuda mutua Igualdade
SEU OBJETIVO	O eu O ter O individualismo	O nós O ser A comunidade, participação
DIANTE DA FÉ	Não tem espaço para Deus Quer ocupar o lugar de Deus	Este é o projeto de Deus Reconhece a Deus nas pessoas
CONSEQUÊNCIAS	Marginalização, exclusão	Inclusão, todos resgatados, membros, Fraternos.

É fácil dar-se conta de que em seus princípios estes dois projetos se contrapõem e tem objetivos diferentes, mas ambos tem dimensões e são universais, globalizantes.

No que se refere ao projeto Neoliberal, este se coloca como senhor da história e com direito de manipular a toda a criação do seu jeito e a seu serviço.

O projeto do Evangelho se reconhece a serviço do plano de Deus e chamado a organizar a criação de tal maneira que todos possam viver dignamente.

“O desafio atual é humanizar a globalização e globalizar a solidariedade” (João Paulo II, abril 2001 para a Academia Pontifícia de Ciências Sociais).

Para refletir:

VER:

Quais são os sinais concretos do neoliberalismo e quais são os sinais concretos de uma vida segundo o Evangelho?

JULGAR:

Observando o exposto no quadro, relate:

- a) Uma situação concreta que expresse a ótica do neoliberalismo.
- b) Uma situação concreta que expresse a ótica segundo o Evangelho.
- c) Que atitude deve ser a nossa para ser coerente com o Evangelho num contexto neoliberal?

AGIR:

Como podemos viver o Evangelho neste contexto neoliberal?

Textos bíblicos: Mt 22, 15-22.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 9: A Fraternidade globaliza a dignidade de toda pessoa

Objetivo: Tomar consciência de que a globalização que tem como centro o dinheiro, desumaniza porque empobrece e mata, e é tarefa de todo ser humano potencializar, criar uma boa globalização que torne realidade o respeito, a dignidade de todo ser humano.

Fato da vida – situação de vida

O dinheiro que possibilita a existência de ricos cada vez mais ricos, não conhece fronteiras em seu caminho; o mundo inteiro é sua casa. Quem de fato deseja vida com dignidade e um dinheiro a serviço da vida, quase sempre encontra fronteiras, barreiras e precisa de outros mundos.

Desenvolvimento do tema

A globalização é repartir todas as riquezas e valores pessoais, espirituais e materiais entre as pessoas de todo mundo (globalização – globo terráqueo – a Terra), eliminando fronteiras e destruindo separações, valorizando todas as culturas sem que prevaleça uma sobre as outras. Por isso, a globalização nos faz descobrir a relatividade de nossas fronteiras; a importância de sair da cadeia dos egoísmos grupais, sejam familiares, nacionais, religiosos ou de partido; o cosmos como nossa casa comum; a humanidade comum e a comum dignidade; o caminho a realizar para superar toda exclusão e ir construindo a inclusão que nos permite caminhar uns com outros.

Cada uma das pessoas, em qualquer lugar do mundo, deve ter uns direitos invioláveis e inegociáveis para conseguir uma qualidade de vida inerente a dignidade que temos como filhos de Deus. Por desgraça nesta sociedade, a globalização foi entendida mal e parece que o que mais se aplica é a globalização do abuso, da exploração e do consumo, fazendo que cada dia existam mais diferenças econômicas e mais discriminação.

A globalização na qual estamos metidos, expressão de uma filosofia que marca as relações a nível mundial, faz da economia, do dinheiro, do mercado, o deus central de toda sua existência. Por isso, a globalização desde essa perspectiva, analisada em profundidade, é desumanizante porque coloca em primeiro lugar o dinheiro, não a vida digna das pessoas; é excludente porque marginaliza, despacha a todo aquele que não gera dinheiro; é geradora de morte e realmente mata porque não permite simplesmente que muitos irmãos e irmãs possam viver.

A Frater, em seu convite para assumir a responsabilidade que todos temos com todos, nos leva a solidariedade por meio do amor que somos, rompendo os isolamentos, caminhando ao encontro do outro, ampliando nosso coração, trabalhando para conseguir que todas as necessidades sejam cobertas, para que seja reconhecida a dignidade de todo ser humano, como fez Jesus, reconhecendo-nos todos filhos e filhas do Deus que é amor.

Para trabalhar em grupo:

VER

Que entendemos por globalização?

JULGAR

Como deveria ser a globalização para que seja boa, positiva?

AGIR

Que poderíamos fazer para ter uma boa globalização, geradora de vida?

As palavras de Jesus em Mateus 5,43-48, orientam no sentido de ir criando relações diferentes.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 10: Ser críticos para viver e não só passar pela vida

Objetivo: Educar nosso senso crítico diante da vida para vivê-la com mais sentido, na responsabilidade, na liberdade, com acolhida, e sendo assim gestores de nossa história em união com os demais.

Fato da vida – situação de vida

Num programa de televisão no Brasil, com a participação de Leonardo Boff, foi feita a seguinte afirmação: os 3 homens mais ricos do mundo encampam o que necessitam para viver os 45 países mais pobres do mundo, onde vivem aproximadamente 600 milhões de pessoas. É um escândalo! Nos perguntamos: Quantas pessoas com deficiência foram geradas pelas riquezas indevidamente acumuladas por uns poucos?

Desenvolvimento do tema

Ainda que muitas vezes vivamos escândalos semelhantes em nossos países, não nos colocamos a analisar as origens desta situação, nem as suas conseqüências. Ao contrario, muitas vezes buscamos imitá-los. Por vezes até os temos como exemplos. Criticamos os defeitos entre nós mesmos e nos esquecemos de olhar para fora, as outras realidades, que afetam a todos. Neste contexto é fundamental ter informações claras e completas. O espírito crítico é dar-se conta para entender e questionar o que está por detrás das coisas e dos acontecimentos. Não é criticar por criticar. Nosso espírito crítico não é para ser desenvolvido contra nossos irmãos, contra as pessoas, e sim para construir relações mais justas com direito e dignidade. No entanto, se nos olhamos a nós mesmos e escutamos na liberdade aos demais, podemos descobrir que a vida tem outros rumos.

Falamos de liberdade..., temos medo de ser livres pela responsabilidade que isso significa. Vivemos escravos do que vão dizer, de modas, de costumes, de tabus, de preconceitos, de religiões, de medos, mais do que nos imaginamos. É saudável tomar consciência de tudo isso e a partir disso começar a trabalhar-nos para ir assumindo livremente o desafio de aprender a sermos nós mesmos, com todas as suas conseqüências. É e se trata de um trabalho de toda vida.

A liberdade é todo um desafio. Necessita aprender a olhar, escutar, sentir, para ir colocando cada coisa em seu lugar e a partir disso ir tecendo relações de igual para igual com tudo que nos rodeia. Trata-se de captar que coisas e realidades nos manipulam, a que palavras ou situações concedo um poder que elas não tem e que fazem de mim um escravo. Trata-se também de ir descobrindo que muitas vezes, em nome da educação e de respeitos que não são mais do que medos a proximidade do estar de igual para igual, vamos gerando distancias e dependências. É também acercar-nos ao mundo da escuta, do aprender a escutar para além das palavras, de escutar os silêncios e ali começar a aprender, a dar respostas com o risco de equivocar-nos, direito comum a todos, e com o direito também a solicitar ajuda, pois temos a responsabilidade de colocar-nos em pé e fazer o caminho. O “levanta-te e anda” é palavra dita em liberdade que nos convida a assumir a liberdade da vida. Desta forma começamos a viver e não só a passar pela vida. A pessoa que assume o caminho da liberdade, é crítica justamente porque deseja realmente viver, porque não quer e descobre que é injusto que outros vivam por ele, porque deseja que os demais vivam plenamente o que todos temos direito de viver.

Para trabalhar em grupo:

- Ler em voz alta o texto bíblico: Is. 2,1-5 – Deus promete uma era de paz.
- Cada um deverá responder, numa pequena frase, somente uma das perguntas:
 1. Quais são as principais causas das deficiências em nosso país?
 2. Como está a distribuição de renda em nosso país?
 3. Como exercemos nossa liberdade? Somos críticos ou aceitamos tudo?
 4. Quais são nossos medos, falsos respeitos?
 5. Há causas comuns em tudo isso?
 6. Você sente que este material serve para formar nosso espírito crítico?.

Tempo 15 minutos.

Dinâmica:

- Alguém, em um papelógrafo, irá apontando, por tema, as respostas.

Tempo 45 minutos

- Todos podem contribuir com comentários, sugestões, análises e aprofundamentos.
- Entre todos, tirar umas conclusões e linhas de ação para o núcleo.

Tempo 30 minutos.

Textos bíblicos: Rom. 12,1-21; Lc. 10,25-37.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 11: Contemplativos em nosso fazer diário

Objetivo: Criar e tomar consciência da importância de saber apreciar o que nos rodeia como um presente que recebemos antes de nascer e a partir disso aprender a viver de maneira nova.

Fato da vida – situação de vida.

Desenvolvimento do tema

A contemplação é a capacidade de ver, olhar e admirar, deixar-nos surpreender pelo que é distinto de nós: sentir a vida que está diante de nossos olhos. É verdade que podemos estar diante da maior maravilha e esta não nos dizer absolutamente nada. Por que será? Talvez no fundo não aprendemos a valorizar o que nos rodeia, ou até nem valorizamos a própria vida. O campo, com seus verdes, suas brisas, securas e odores nos facilita mais a observação; isto entra em nossos olhos mesmo sem querer. As cidades que são bonitas e belas, nos brindam outro tipo de beleza e que, por vezes é difícil de apreciar, mas que está aí. Muitas de nossas cidades tem um ar colonial que nos fala de histórias passadas. Em muitas delas aparece com força tudo o que é sinal do moderno e do progresso. Às vezes podemos sentir que falta humanidade em nossas cidades, pois não estão pensadas para os que realmente vivem nelas. O encanto e a perplexidade como que se dão as mãos. Mas tudo está aí.

As coisas tem suas linguagens e histórias. Tudo nos pode dizer algo se soubermos admirá-lo. Seria bom poder ler com calma e gosto as odes elementares de Pablo Neruda. A seu lado podemos descobrir que tudo fala. Ele escutou sua linguagem porque aprendeu a olhar com os olhos do enamorado e apaixonado pela vida.

A natureza se renova constantemente e sua novidade é permanente. Só a captaremos se nos damos tempo para isso. Cada amanhecer ou entardecer é uma obra de arte única, sempre nova e pouca atenção lhe damos. Nesse acontecimento não só nos é presenteada beleza, também nos aproximamos do misterioso e insondável cosmos, do qual somos parte. A chuva, que às vezes causa estragos nos de sempre, ou seja, aos menos favorecidos, é também outro presente sempre novo; a beleza dos relâmpagos que, por segundos, abrem horizontes novos mais além do firmamento, é outro espetáculo. Tudo nos fala da vida presente em cada coisa, também da vida de nossos sentidos. Toda a natureza nos convida, no seu arco íris de cores, a gratuidade, a oração, a partilha.

A cadeira de rodas, o carro, as muletas, o bastão que permite transportar-nos ao encontro dos demais, nos falam do jogo harmonioso e sábio dos elementos da natureza a serviço da vida. Que bom agradecer a essa companheira de nosso caminho sua presença diária conosco! Agradecer seu serviço diário e compreender também seus cansaços e necessidades de refazer-se. Um olhar novo nos ajuda a sair do cotidiano “usa-o e joga-o”. Que bom fazer todo o possível para que não falte a ninguém o que necessite! Porque em alguma ocasião não guardar silêncio diante dela e deixar que ela nos fale? Se a escutamos bem, ela também sabe orar. Pensemos por momentos no papel que nos traz a notícia de outras pessoas, a carta de quem nos ama ou pede algo de nós, ou o esquecido asfalto que sempre pisamos e a quem nunca agradecemos por sua presença silenciosa; o elevador que permite nossa aproximação com o amigo, a sombrinha que nos protege de calores ou de chuvas fortes. Há todo um mundo para ser ouvido e, a partir da escuta, poder senti-lo fraterno e por ser fraterno, seja também tratado com ternura.

Aprender a olhar o outro, a nós mesmos, sua história, o espaço onde vive, suas amizades, o que nele é motivo de alegria, o mundo de seus medos, utopias, sonhos e esperanças, suas dores e valores,

afetos e desamores, sua fé. Que grande presente quando possibilitamos que toda essa realidade seja depositada diante de nós com dignidade! É como o encontro de dois corações. Considera-se como estar na presença de um presépio, é Deus que está se presenteando a nós. Só a partir da escuta e do olhar contemplativo poderemos ir fazendo mais fraterna a fraternidade, se podemos expressá-lo assim. Daí vamos aprendendo todos: tanto quem reparte como quem acolhe o repartido. Ali se educa o coração, os olhos se rejuvenescem e muitas coisas que antes nem sonhávamos, aparecem e deixam descobrir-se como realidades.

O olhar contemplativo nos convida a ser mais humanos uns com outros. Talvez isto não gera dinheiro, mas revitaliza e nos brinda a todos a possibilidade de torná-la mais humana, e assim tenha mais qualidade em todos os sentidos. Nesta maneira de falar das coisas é Deus quem nos sussurra sua presença de amigo e companheiro.

Para trabalhar em grupo:

1. Que tempo dedico a mim mesmo?
2. Que trato dou a tudo o que me rodeia e me ajuda de alguma maneira a ser quem sou?
3. Valorizo a natureza? O que é para mim o belo?
4. Como trato e considero as coisas?
5. Quanto tempo dedico aos demais?
6. Que valor tem o silêncio em minha vida?
7. Acreditas que contemplar é coisa de gente de igreja, monges do deserto ou é algo próprio de toda pessoa humana?

Textos do evangelho: Mc 12, 41-44; Lc. 12, 24-27; 19, 41-42, nos aproximam da pessoa de Jesus, talvez seja bom aprender a olhar a vida ao estilo d'Ele.

DINÂMICA:

Elaborar uma colagem com imagens que provocam em mim um estado de contemplação, de reflexão. Partilhar em plenário. (Material necessário: revistas velhas, cola, papel, tesouras). Tempo: 20 minutos.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 12: A Fraternidade: mística de amor

Objetivo: Conscientizar-nos sobre a pessoa de Jesus em nossa Fraternidade para n'Ele inspirar nosso atuar fraterno no amor.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Nossa Fraternidade está inspirada na fraternidade evangélica. Com Jesus as pessoas começaram a sentir e experimentar algo novo em suas vidas. Essa experiência não era algo passageiro, pois marcou suas vidas de tal maneira, que desde então já nada seria igual. Há um novo trato, um olhar para além das aparências, costumes e leis. Esta maneira nova de estar e ser com os demais, que os faz sentir-se alguém, pessoas dignas, nasce desta experiência que marca e define a vida de Jesus.

Antes da chegada de Jesus, o fundamental era o conhecimento da Lei e o cumprimento rígido de suas normas. Jesus ao tornar consciente e presente a Deus, nos expressa toda a força do amor, essência do ser de Deus que se aproxima de qualquer de suas criaturas com o carinho, a ternura e o respeito de um bom pai ou uma boa mãe, sem fixar-se em nossas carências e limitações, porque para um bom pai-mãe cada um de seus filhos e filhas é imensamente amado Jo.1,16-18.

O amor, o espírito, são a força que move a atuação de Jesus. O amor de Jesus às pessoas concretas e reais, nos faz sentir que Deus, que é amor, nos ama, nos escuta, sente conosco e não passa sem atenção por nossa vida, ao contrario caminha conosco. Ao Deus da vida, sentido e experimentado em Jesus, que é gente como nós, nada do humano lhe é indiferente. Ele não se faz de surdo a nossas realidades cotidianas. O amor de Jesus é fruto da escuta ao Deus da vida. No amor vivemos de maneira sempre nova a pergunta “que queres que eu faça?”. Aquele que ama pode dizer, sem deixar de ser livre: “Aqui estou para fazer tua vontade” e nesse fazer, ser homem ou mulher livre e libertadora. Quem ama expressa sua confiança em quem é amado dizendo: “Que se faça tua vontade, não a minha”. Nós aprendemos e repetimos muitas vezes e nem sempre com muita consciência: “Que se faça tua vontade na terra como no céu”. Porque se está a escuta no amor, se pode dizer: “Amem-se como eu vos amei” e fazer a oferta mais digna da existência: “Aqui estou, corpo e sangue, toda minha vida para vocês, para que todos sem excluir a ninguém, tenham vida em abundância”. Somos humanidade e nada do que é humano nos deveria ser indiferente.

É esta escuta, fruto e expressão de quem ama que nos permite ver aos demais de forma nova, por isso, a escuta nos leva a ações novas, a relacionar-nos com os outros fazendo sentir que a vida e eles são boa notícia, pois somos irmãos. O amor permite escutar e ver em profundidade, nos aproxima e permite sentir as dores de cada dia e a tudo aquilo que machuca a existência e também ao que a dignifica.

O amor nos aproxima dos mais necessitados, dos excluídos, dos que estão a margem do caminho, os marginalizados, dos que ninguém escuta e que necessitam ser reconhecidos em suas capacidades. Isto fez Jesus, com seu amor, se aproximou dos últimos da sociedade, aos que ninguém valorizava nem considerava, para reconhecê-los e dizer-lhes que também eles são pessoas com a mesma dignidade.

A força de Jesus é o amor, e também sua mística que acompanha seu fazer. Nós somos chamados a fazer realidade e encarnar essa mística. É sua única ordem, todos chamados a ser mulheres e homens de Evangelho, homens e mulheres do Reino, homens e mulheres caminhantes no caminho de Jesus, caminhando com Ele e também caminhando como Ele.

Para trabalhar em grupo:

VER:

1. Que importância real tem Jesus em minha vida?
2. Sua maneira de ser marcou algo em mim?
3. Descubri e senti com Ele algo que de verdade me motivou a ser mulher ou homem novo?

JULGAR:

1. Percebo que a experiência do amor não é falar do amor, E sim amar a quem está a nosso lado?
2. Percebo que o amor gera um novo modo de escutar a quem amamos?
3. Tenho consciência de que a escuta amorosa gera um novo tipo de relações que vão fazendo-nos mais fraternos?
4. O amor é a força que inspira e anima meu fazer diário? Lucas 10, 25-37.

AGIR:

O que podemos fazer para que o amor seja nossa força e para que ao nosso lado as pessoas o sintam e o experimentem?

Referencia Bíblica: Lc. 13,10-17; Mc.2,1-12

DINÂMICA:

Dar 10 minutos para responder as perguntas a nível pessoal. Logo, organizar grupos de 6 pessoas.
Dar 15 minutos para partilhar em grupo. Escolhe-se um secretario de grupo que se encarregará de partilhar na plenária as reflexões de todos do grupo.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 13: Trabalho em equipe e Frater

Objetivo: Descobrir a riqueza humana, a responsabilidade e a força de tudo o que é trabalhado em equipe.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Somos e formamos comunidade. Esta verdade cada dia está chamada a ser uma experiência nova que nos molda e educa, ao mesmo tempo que nos aproxima mais de nós mesmos e de quem está próximo de nós.

Nossa Fraternidade inspirada na fraternidade evangélica, como já dissemos muitas vezes, é um movimento organizado, não é uma organização nem um partido político; como não é uma ONG, nem uma cooperativa. Nada disso. Tudo isso que citamos tem seu valor e sua razão de ser. Nós somos um movimento organizado, uma fraternidade, com sentido de horizontalidade em nossas relações e tomadas de decisão. São fraternidade conosco os colaboradores, amigos, assessores e aqueles que assumiram o desafio de caminhar conosco para construir uma sociedade mais de todos. Cada um neste movimento tem um ministério a realizar, ninguém é mais ou menos que outro e todos estão a serviço da Fraternidade. Jesus convida a todos a colocar seu grãozinho de areia na continua construção do Reino, pois todos somos capazes de dar e receber.

Desde os inícios da civilização se formaram grupos de tribos para proteger-se de tudo o que os ameaçava, também para alimentar-se e caçar com mais facilidade em grupo. Na etapa das grandes culturas se organizaram de tal maneira que tudo estava orientado ao desenvolvimento dos impérios. Os exércitos lutavam juntos para as conquistas e o faziam de forma organizada. Hoje em dia, para obter maiores avanços no humano, social e econômico, inclusive no militar e político, também o esporte como a reivindicação dos direitos, se torna necessário e urgente formar equipes de trabalho. Desta maneira se evitará o abuso, o stress, a marginalização, etc. Através do trabalho em equipe podemos descobrir talentos, se fomentam as relações, se fortalece a amizade e a responsabilidade, que é partilhada e sempre nos levará ao êxito, pelo qual todos somos responsáveis.

O trabalho em equipe na Frater permite ao pequeno grupo comprometido, conhecer-se entre si, descobrindo mutuamente as fraquezas e virtudes, aceitando o outro como é, ajudando-se mutuamente em sua forma de ser e firmando-se em sua personalidade. Por isso a fraternidade é uma escola onde aprendemos entre todos a ter outras relações que nos permitem fazer coisas em benefício próprio e em benefício dos demais. O trabalho em equipe supõe tempos de escuta, de colocar em comum, de partilhar idéias, de busca de objetivos, de tomadas de decisão, de respeito aos acordos tomados. Trabalhar em equipe nos faz ser disciplinados, nos ajuda a crescer em responsabilidade. Trabalhar em equipe pede de todos nós o aprendizado de sermos críticos, através das avaliações dos trabalhos, para ir crescendo em equipe e em fraternidade. O trabalho em equipe, não só nos faz fraternos, também nos capacita para trabalhar em equipe com outras entidades, onde podemos partilhar, oferecer e contribuir com o aprendido em nosso caminho.

A Fraternidade que trabalha em equipe é uma palavra nova em meio a outras formas de trabalho talvez muito centradas em interesses próprios do grupo ou de seu grêmio. A Fraternidade é desta maneira uma boa nova que se oferece na liberdade.

Para trabalhar em grupo:

- A Bíblia: Mt 10,5ss; Lc 10,1-9 ,
- Mensagens de P. François, pg 414, 501.
- Parábola das ferramentas do marceneiro (veja anexo) e a Parábola das caravanas no deserto (Ética e fé cristã num mundo plural, de Emilio Martínez), podem ser de grande ajuda no objetivo deste tema.
- Formar grupos de 6 pessoas e em cada grupo refletir sobre as leituras escolhidas.
- Realizar um sócio-drama sobre o refletido.

O animador da sessão de trabalho convidará a um grupo, de forma direta, a organizar um sócio-drama onde se mostra um trabalho de uma equipe desunida, cujo resultado seja pouco positivo. Outro grupo organizará trabalhos em equipe bem partilhados onde os resultados sejam positivos.

O animador da sessão fará notar a valorização do esforço de todos e como é importante trabalhar unidos e em equipe.

Num diálogo aberto pode-se partilhar estas ou outras perguntas:

- Estás disposto a trabalhar em equipe?
- O que podes contribuir para o trabalho em equipe?
- O trabalho em equipe te une mais aos outros?
- O trabalho em equipe te faz mais responsável?
- Sentes-te útil e integrado ao trabalhar em equipe? Sentes-te valorizado? Como?
- O trabalho em equipe sugere algo a outros organismos e aos políticos?



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 14: A Frater: geradora de paz

Objetivo: Tomar consciência da responsabilidade que todos temos dentro de uma sociedade onde a paz é fruto do trabalho responsável em favor da justiça.

Fato da vida - situação de vida

Desenvolvimento do tema

As situações que partilhamos no fato da vida nos fazem perceber que as deficiências que muitas pessoas vivem no dia a dia se devem as guerras, aos maus tratos, as irresponsabilidades médicas e aos problemas na convivência diária. Nossas realidades nos colocam no nível de um mundo que marginaliza e exclui praticando com isso mais violência. Chegamos ao extremo de pensar que sempre foi assim e que pode ser algo normal negar os direitos das pessoas com deficiência.

Estas realidades injustas geram violências internas, culpas, acusações a nossos pais ou as situações que provocaram a realidade na qual nos encontramos.

O trabalho em favor da justiça e contra a marginalização torna possível uma realidade de paz. A justiça é um caminho para eliminar a fome, a pobreza. É nossa responsabilidade fazer que as políticas estejam a favor da justiça e que o desejo de justiça renove nossas políticas. Ir criando atitudes não violentas entre nós e com os demais, gera paz em nossas relações diárias. Manifestar nossos direitos e fazer todo o possível para que sejam vividos, nos aproxima da paz ainda que no começo possa gerar situações de conflito. Apoiar o respeito dos direitos dos demais: trabalhadores, educadores, empregadas domésticas, enfermos de hemodiálise ou vivendo com HIV, os sem trabalho, indígenas, homossexuais, artistas, os que imigram a outros países em busca de situações mais humanas, trabalhadores do sexo, coletores de lixo, vendedores ambulantes, idosos, etc., apoiar a concretização de seus direitos é uma contribuição para a paz.

Centrar a paz no coração do ser humano e da humanidade nos ajuda a construir esta realidade que todos desejamos, a que todos temos direito e pela qual todos somos responsáveis. Nada do que fazemos é inofensivo. Tudo está inter-relacionado. Às vezes isto nos assusta. Nem sempre somos conscientes disso e, no entanto, olhando bem, isso nos convida a sermos gestores da vida para que todos encontrem seu sentido. O coração é o centro de todas as nossas decisões. Os olhos podemos ver, o coração não, costumamos dizer para indicar com isso que o coração é o núcleo e que as decisões na vida, somos nós que as tomamos e ninguém deveria tomá-las por nós. Por isso, também nada por nós ou para nós, e sim conosco. Uma festa religiosa nos recorda o que estamos comentando: O Coração de Jesus. As melhores decisões, olhares e feitos de Jesus nascem de seu coração. Por isso o evangelho nos fala de seu coração misericordioso e compassivo, expressão concreta e real de sua solidariedade sem limites.

Se nossa proximidade e presença é a partir e com o coração, podemos gerar em outros a paz que levamos dentro de nós.

Nossas necessidades podem fazer-nos cair no engano de sermos só receptores e esquecer que também somos geradores de vida e construtores de paz. Nossas necessidades nos acercam ao coração da pessoa, esse lugar onde podemos descobrir como nunca que o ser humano é o coração da paz. Não privemos aos outros deste direito. Não nos neguemos esse direito que é fruto do trabalho de todos.

Para trabalhar em grupo:

Os textos bíblicos que acompanham as perguntas podem orientar o trabalho a ser desenvolvido nos grupos:

VER:

1. Vivo em paz comigo mesmo, em minha família, na comunidade onde vivo?
Isaías 32, 15b-20. A paz, fruto da justiça.
2. Apoio o trabalho em favor dos direitos dos demais?
3. As situações de conflito e violência pessoal ou social geram em mim sentimentos de desesperança e conformismo ou me movem a viver a realidade do “Levanta-te e Anda”?

JULGAR:

1. A paz é uma responsabilidade dos outros ou nós nos sentimos co-responsáveis pela paz no mundo?
2. Diante de situações ou comportamentos que nos violentam, nossas reações geram mais violência ou ajudam a descobrir comportamentos novos nos demais?
Jo 20, 19-22. Jesus ressuscitado oferece a paz.

AGIR:

1. Diante das situações de guerra, como Frater, movimento fraterno organizado, sentimos que podemos dizer algo, contribuir e gerar com os demais? Mateus 5, 9. Bem aventurados os pacíficos.
2. No ambiente onde me movo (familiar, trabalho, escola, comunidade, Igreja, grupo) de que forma promovo a paz?

DINAMICA:

Fazer um cartaz (tipo pôster) com mensagens e sinais que promovam a paz.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 15: Sem discriminação

Objetivo: Descobrir, motivar, tomar consciência e trabalhar por uma relação de igual para igual com outras organizações ou movimentos, que como nós possuem sua identidade própria.

Fato da vida – Situação de vida

Segundo dados do Banco Mundial há, na América Latina e Caribe, pelo menos 50 milhões de pessoas com deficiência, ou seja, em torno de 10% da população regional. Somente de 20% a 30% das crianças com deficiência se encontram nas escolas; de 80% a 90% das pessoas com deficiência, em idade de trabalhar, estão desempregadas ou não fazem parte da força laboral; a maioria das pessoas com deficiência não dispõem de serviços de saúde e são mais propensas a estar fora das seguradoras de saúde e menos de 20% recebem benefícios do seguro social. Isto deixa claro: há muita discriminação da sociedade em relação a este setor.

Desenvolvimento do tema

Cada um de nós está chamado a ser gestor de sua própria existência. Todos temos nossa vida pessoal e ela se realiza em convivência com os demais.

A Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência com certeza, para muitos de nós, ampliou muito mais o horizonte de vida. Neste movimento organizado começamos a mover-nos, relacionar-nos, crescer, cuidando para que seja de forma organizada. Preocupa-nos e cuidamos sempre o que para nós é fundamental: a pessoa humana com todas as suas conseqüências. É um dos sete princípios fundamentais da vida de Frater e, olhando bem, todos os demais princípios estão em função da pessoa humana. Sentimo-nos valiosos e nos descobrem valiosos. Realizamos conquistas em muitos níveis, porem não conseguimos tudo.

Em nossa sociedade existem muitos estilos e tipos de convivência, de agrupações: cooperativas, sindicatos, organizações sem fins de lucro, grupos de auto-ajuda, associações promovidas pelos Estados, clubes esportivos e muitos outros tipos de entidades. Olhando com calma esta variedade de formas de conviver e de agrupar-se vem sendo “respostas responsáveis” a situações concretas que afetam o diário viver e são também “formas inteligentes” de prevenir situações. Temos historias de superação de discriminações, e podemos ser gestores de mudanças para todos aqueles que não pensam ou atuam como nós.

É bem iluminador a constatação de como todos falamos em servir a pessoa, pois quase tudo ou muito do que se faz, tem este sentido e, na pratica vemos realmente como as vezes se usa a pessoa, e o econômico, o interesse pessoal, se colocam acima das pessoas que desejamos e dizemos querer servir. É muito interessante comprovar que, mesmo com falhas e erros, na Frater nos apaixona a pessoa humana, porque ela é humana como nós e se irmana conosco.

As diferenças são um desafio e sua aceitação e acolhida enriquecem a cada pessoa e ao grupo. Meu ser diferente e meu desejo de ser aceito e reconhecido são o motivo pelo qual não podemos tolerar qualquer discriminação.

Para refletir e trabalhar em grupo:

1. Ler em voz alta o texto bíblico. Marcos 2,13-17

2. Todos estão convidados a ler o texto acima.

Tempo: 15 minutos.

3. O animador dá a seguinte mensagem:

“Uma imensa catástrofe assolou a terra. Dentro de 30 minutos a terra estará destruída por completo. Da imensa multidão dos habitantes só restam nove pessoas. O grupo se compõe de um sacerdote, um juiz, um policial, um esposo, uma esposa grávida, uma atriz lésbica, um estudante, um agricultor e uma professora com deficiência”.

“Uma nave espacial que só tem capacidade para cinco pessoas, espera para transportar os sobreviventes a um planeta distante, onde poderão iniciar uma nova civilização”.

4. A tarefa de um grupo, eleito pela assembléia, composto por 6 pessoas, consiste em determinar, dentro do tempo proposto (30 minutos), quais ocuparão os únicos lugares disponíveis e por que. Os demais serão observadores.

5. Devemos ver o que cada um pode contribuir para a construção do novo mundo, quais são os problemas que podem atrapalhar e quem melhor poderá contribuir na construção do novo mundo, etc.

6. Depois de terminar com a discussão se comenta o exercício procurando ver o que cada um dos que ficaram vivos pode contribuir, algo positivo e algo negativo, sabendo que não podemos descartar a ninguém simplesmente porque nos pedem, o mesmo acontece no grupo, todos devem ser bem recebidos já que ninguém sobra. Tempo: 30 minutos.

7. Conclui-se com alguma proposta de trabalho prático para o núcleo sobre o tema.

Tempo: 15 minutos.

Textos bíblicos: Mt 20, 29-34.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 16: Inclusão e Exclusão

Objetivo: Entender os processos e tomar mais consciência da possibilidade deste sonho: “Tudo conosco e nós com os demais”.

Fato da vida – Situação de vida

Exclusão e inclusão são faces de uma mesma moeda. As pessoas com deficiência sofrem a exclusão desde sua família, por isolamento ou super proteção, depois continua na escola, onde, ou não frequentam ou frequentam menos que o necessário, também se aprofunda nas relações sociais, principalmente pela falta de acessibilidade, e na qualificação para o trabalho, que por sua vez influi na renda, que muitas vezes não permite constituir família, ficando isolado no final de sua vida – é o **roteiro da exclusão**. Por outro lado, começa a **inclusão**, quando a mesma família acolhe a pessoa com naturalidade, possibilitando seu desenvolvimento, continua na escola, na comunidade e no trabalho, possibilitando uma vida digna – é o **roteiro da inclusão**.

Desenvolvimento do tema

Sonhar é um direito do ser humano. Porém nem sempre nos atrevemos a sonhar e às vezes até esquecemos o sonhado. Temos que sonhar com os olhos bem abertos e partilhar os sonhos para que nunca caiam no esquecimento. Todos temos histórias e experiências de exclusão. Nossa história, ocorrida num tempo e num espaço próprio, é todo um livro que não deveríamos perder nunca. Não para fazer dela uma verdade absoluta, sim como um ponto de referência até que, no transcurso da vida, possamos ir experimentando que somos com Deus e Ele é horizonte e futuro, pois é Deus conosco e nós podemos fazer caminho com Ele.

De diversas maneiras vemos que, de uma forma ou outra, vão sendo dados passos sérios, em distintos níveis da sociedade em relação ao tema da inclusão. Não está tudo feito e nem todas as palavras escritas, leis decretadas ou discursos pronunciados chegam ao horizonte que ali se prescreve. Desde logo, sim há mais consciência e com ela também interesses políticos. A pessoa deveria ser sempre o centro de toda política, e não tanto a política o centro da pessoa. Estamos caminhando e, nossa meta e metodologia de vida, haverá de ser sempre a inclusão. Lutamos pelo fim da exclusão.

Fazer este caminho exige toda uma mentalidade nova nas pessoas, e lógico, a começar por nós mesmos. Há situações excludentes, frutos de um passado, que não devem parar-nos na meta da inclusão. Estas realidades são um desafio que podem levar-nos a aproximação com outros para juntos sermos gestores de inclusão. A inclusão e a exclusão, se olharmos bem, não são um presente que nos faz ser bons ou nocivos. Todos somos humanidade, o humano nos inclui a todos, o humano não é um acréscimo, ele é comum a todos e isto nunca deveria estar ausente no vislumbrar de nosso horizonte.

A humanidade se prejudica quando nos esquecemos dessa realidade que nos recorda o relato das origens: somos uns e outros, carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue e osso dos mesmos ossos. Esquecer isso tem conseqüências graves no fazer e viver diário. O esquecimento gerou a exclusão que se fez estrutura, mentalidade, história e o esquecimento pede agora a gritos a inclusão para que, a cada dia mais e de uma vez por todas, possamos caminhar uns com os outros. Por isso, a marginalização e a exclusão negam a dignidade de todo ser humano.

Este sonho será sempre motivo de alegria e de alguma maneira um presente que brinda a humanidade. O mundo habitável e vivível que sonhamos ainda não está feito. Todos temos cadeiras pendentes

nas ramas do saber. Necessitamos dar-nos as mãos, pronunciar nossos direitos e escutá-los com dignidade para que a existência seja uma resposta responsável ao outro em seu direito de vida digna. Todo um processo para aprender a olhar e contemplar a vida não só com meus próprios olhos, mas também com os olhos dos outros. Já fizemos caminho, mas está recém começando. É urgente criar um estilo de vida onde cada um esteja ocupando o espaço que lhe corresponde.

Para refletir e trabalhar em grupo:

- Alguém lê em voz alta o texto bíblico: Atos 2,42-47.
- Todos estão convidados a ler o texto acima.
Tempo: 15 minutos.
- Formar 2 grupos (caso seja muita gente, organizar grupos menores para cada tema):
 - **GRUPO 1 – EXCLUSÃO**
 - **GRUPO 2 – INCLUSÃO**
- Serão distribuídos em cada grupo uma cartolina, jornais, revistas, tesouras, Colas e pinceis.
- Cada grupo, com os materiais deverá fazer um cartaz expressando uma realidade de exclusão ou inclusão, conforme lhe toca.
Tempo: 45 minutos.
- Cada grupo irá expor ao plenário o seu cartaz. Analisa-se e tira-se algumas conclusões.
Tempo: 30 minutos.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 17: Meios de comunicação social

Objetivo: Tomar consciência da realidade complexa dos meios de comunicação social.

Fato da vida - situação de vida

Desenvolvimento do tema

Toda pessoa humana é, mesmo em silêncio, um ser em comunicação. Somos comunicativos por natureza. Sem comunicar-nos com outros não podemos chegar a sermos pessoas. Por isso, criamos muitos meios para comunicar-nos, encurtar distancias, fazer-nos presentes e assim poder sentir a todos com menos indiferença e mais em família. Comunicando-nos rompemos os isolamentos. A comunicação nos aproxima do ser humano em suas necessidades concretas, potencia a solidariedade, convidando-nos a sair de nossos pequenos egoísmos pessoais, familiares, grupais, de partido e até nacionais ou patrióticos. São as bondades dos meios de comunicação.

Os meios nos comunicam, nos prolongam, nos fazem presentes para que outros saibam quem somos, que fazemos, que necessitamos, que oferecemos aos demais.

Graças às letras impressas no papel podemos comunicar-nos, compartilhar o que outros escreveram e entre nós estabelecer a união em que estamos na Frater.

De alguma maneira deveríamos ser os que manejam os meios com os quais nos comunicamos. No entanto, em muitos momentos nos sentimos manipulados pelos meios. Cremos que por ter muita informação conhecemos a realidade, estamos comunicados com ela, mas não é assim. A verdadeira comunicação necessita esforço, tempo e desejo de comunhão.

Pode também ser que se comunica o que vende e dá dinheiro mostrando que, quem nos comanda são os lucros, e é o dinheiro que mostra qual deve ser a comunicação a ser partilhada. Esta realidade é bem evidente. Por trás dos meios de comunicação social, há grandes meios econômicos. A economia manda e através dos meios comunica o que interessa a seus donos. A informação é fonte de poder. Por exemplo, são abundantes através do sistema a cabo, as notícias e por meio delas, o mundo inteiro está em nossa casa. Todos sabemos também que por trás desses informativos há realidades econômicas que os tornam possíveis e que delas se servem. Nesses terrenos se paga caro pela liberdade.

A comunicação, especialmente a publicidade, muitas vezes distorce a imagem e a realidade, cria figuras errôneas, joga com os sentimentos, manipulando-os. Há muita gente que sente que aquilo que se diz na tela é Palavra de Deus ou caso não aparece nela, não existe. Ao lado das bondades há estas distorções. Todos as conhecemos. Por isso é saudável e humano ser crítico diante destes meios para que sempre estejam a serviço da vida e não a vida a serviço deles.

A Internet é outro meio que lentamente vai sendo acessível a homens e mulheres. Talvez não se goze do luxo do computador portátil, mas cada vez mais se conta com a existência de lugares que oferecem serviço de Internet em nossas comunidades. Ali acessamos todo tipo de comunicação e toda comunicação é ali possível. Muitas tarefas escolares, informação sobre emprego, formas de realizar viagens... tudo podemos encontrar na pequena tela com muita facilidade. Quando as circunstâncias obrigam a realizar êxodos em busca de situações melhores, a Internet é um espaço que nos permite, até com certa privacidade, dizer onde e como estamos. Toda comunicação, ao estar a serviço da vida, oferece vida e a cuida.

Desde e em nossas realidades, a Internet pode converter-se num espaço de visita aos outros, sejam pessoas, entidades ou organizações e também receber visitas a través dos correios eletrônicos e

contar com tudo aquilo que nos chega livre ou inesperadamente através da telinha. Todo um mundo de comunicação inesperado se abre para todos. No entanto toda esta realidade, pode com facilidade converter-nos em solitários na vida, e fazendo sentir que estamos comunicados e transitando pelas “cyber” – autopistas da comunicação, estamos parados, sem ver, sentir e gozar o sabor da presença do outro. Os meios nos aproximam, mas nunca poderão suprir o encontro de pessoa a pessoa, a visita que é fundamental em nossa vida.

Os meios sempre a serviço da vida sem esquecer que Deus quando deseja comunicar-se o faz fazendo-se um de nós, para ser sentido como pessoa e Deus conosco. Jesus é a imagem visível do Pai invisível (Colossenses 1, 15).

Para trabalhar em grupo:

1. Que meios de comunicação estão a teu alcance?
2. Que uso fazes da televisão, do radio, da Internet?
3. Talvez trabalhes nos meios, como os utilizas, os colocas a serviço da comunidade?
4. És crítico/a diante dos meios de comunicação?
5. Os meios te brindam muitas coisas, o que valorizas mais?
6. Os meios de comunicação de fato me comunicam ou me isolam?
7. Como os meios de comunicação podem servir para um melhor conhecimento da realidade da Frater?

Dinâmica: Conseguir vários diferentes jornais do mesmo dia e comparar uma noticia importante que apareça neles. Em grupo, discutir os diferentes pontos de vista que se podem dar de uma mesma noticia e refletir procurando os motivos por que isso acontece e até que ponto são construtivas.

Textos bíblicos: Mt 5, 1-16.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 18: As visitas

Objetivo: Redescobrir o valor humano e fraterno da visita.

Fato da vida – situação de vida

No fundo, eu gosto quando me visitam, ainda que talvez no começo sinta ansiedade, temor... realmente é agradável quando alguém vem me ver... mas quando me convidam a sair e também visitar parece que o mundo vem abaixo e em cima de mim... não serei um peso? E se me acontece algo no caminho? O que vão dizer?... ao lado dos desejos, parece que vencem os medos e as incertezas...

Desenvolvimento do tema

Todos sabemos e também o dizemos aos demais: a visita é fundamental na vida da Frater. Muitos de nós estamos envolvidos na Frater porque alguém nos visitou. Valorizamos a visita. Quase sempre gostamos de ser visitados. Muitas vezes desejamos a visita de um irmão/irmã. Em momentos, até lá dentro de nós, nos doemos ao não ser visitados e algumas vezes nos atrevemos a expressar este sentimento. E ao lado desta realidade, nos encontramos com a realidade concreta de que nos custa visitar. As razões podem ser variadas e até justificadas...

Há situações em que realmente é difícil mobilizar-nos, deslocar-nos. Nossa própria deficiência entra em luta com nosso desejo. Nossas realidades econômicas nos complicam. O ambiente que nos rodeia nem sempre joga a nosso favor. E dá a impressão que o **não** ganha a partida. É esta nossa situação?

Quando se recebeu partilha de vida dos demais, a vida da gente já não é como antes. Toda visita recebida é como uma luz no caminho e essa luz nos indica que há caminhos e possibilidades. Quando de verdade queremos chegar ao outro, nossos olhos e todo nosso ser estão abertos para captar quando é o momento oportuno de ir ao encontro de quem, como nós, se alegrará com o presente que é uma visita.

Visitar é aproximar-nos do outro, é aprender a estar do seu lado. Muitas vezes recebemos técnicas para não complicar um momento no qual quase todos podemos sentir-nos incômodos por não saber o que fazer ou não ter palavras para expressar-nos. Talvez seja bom aprender a descobrir que nossa presença diante e com o outro não é um simples ir ou chegar para ficar bem. Esse caminho, ainda que possa apresentar-se como exitoso, no fundo nos deixa a cada um no lugar em que estávamos. Ficar bem e cômodo, não nos leva a encontrar-nos uns com outros. Trata-se de ser em todo momento quem somos e a partir disso ver que o outro, a quem visitamos, se sinta bem tratado e em consequência, seja ele mesmo. É ir aprendendo a estar dignamente acompanhando a dignidade do outro. A visita é um entrar no **santuário** da outra pessoa, algo assim como aproximar-se da **terra sagrada** que precisa ser tratada com respeito e dignidade. Cada visita é sempre nova, gera relações e está aberta ao horizonte fraterno que sempre nos diz: **levanta-te e anda**.

Nos Evangelhos lemos que aquele a quem visitamos é um irmão/irmã de Jesus, o próprio Jesus: Mateus 25,40.45. Na visita nos encontramos com Jesus, é encontro com o irmão/ã a quem ainda não conhecemos de todo. Toda visita traz novidade. Jesus é parte das situações concretas de cada pessoa tornando possível a experiência da misericórdia e da compaixão. Toda visita está aberta a essa experiência compassiva e misericordiosa, experiência de amor, rica em humanidade, também presença de Deus.

Para refletir em grupo:

VER:

1. Por que muitas vezes nos custa realizar a visita? (Seria interessante colocar em comum nossas reais dificuldades; poderia até ser um modo de buscar possíveis soluções).
2. Existe em nós medo de fazer as visitas? (Poderia ser o caso. Se é assim, talvez estejamos num bom momento para falar de nossos medos, inseguranças, clareá-las e assim tornarmo-nos nós mesmos os gestores de nossa vida).

JULGAR:

3. Estamos conscientes de que a simples presença já é um valor? Por quê?
4. Nos damos conta de que cada visita é uma visita a um ser humano, alguém como nós, também diferente e diferente das pessoas que já visitamos antes? Que nos diz tudo isso?
5. Valorizamos todo o ambiente da pessoa a quem visitamos? (Tudo o que está ao seu redor nos fala dele/dela e por isso é uma linguagem que devemos escutar e acolher com respeito, com dignidade, para poder manter diálogos posteriores).

AGIR:

6. Como podemos promover e dar calor as visitas?

DINAMICA:

- A) Que os participantes relatem uma visita recebida e partilhem como se sentiram.
- B) Que os participantes relatem uma visita que fizeram e partilhem como se sentiram.

Textos bíblicos: Lc 1, 39-45.



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 19: Assessorando em Fraternidade

Objetivo: Tomar consciência da importância de poder contar com assessores Que caminhem conosco, para que no cotidiano não percamos a conexão com as origens e vejamos caminhos novos e fraternos

Fato da vida - situação de vida

Desenvolvimento do tema

Nosso irmão Pe. François sentiu sempre a necessidade da presença de pessoas que assumam a responsabilidade da assessoria ou de conselheiro. Sempre viu nisso algo útil. Em nosso caminhar de fraternistas, sentimos também a urgência desta presença. Muitos de nós, não contamos com assessores, outros sim. Em nossas reuniões de área nos encontramos com assessores diferentes e cada um deles com sua própria personalidade, querendo servir, partilhando sua fé conosco e animando, de modo diverso, nosso caminhar. A assessoria é um ministério/serviço, não um poder, sempre é um serviço em fraternidade para a fraternidade.

Em quase todo grupo humano, há pessoas que assumem esta responsabilidade. As motivações são variadas e sua utilidade é notória. É como uma luz no caminho, essa luz que facilita o alcançar das metas que o grupo tem em seus objetivos. Há, se olharmos bem, muitas formas de exercer a assessoria. Muitas pessoas, mesmo sendo a assessoria um serviço ao grupo, o vivem como um privilégio e facilmente caem num sentir-se mais que outros; alguns podem chegar a sentir que neles há um saber maior que em outros, fazendo que outros se sintam menos. Em toda assessoria podem acontecer também os autoritarismos, a corrupção, o amiguismo... ou só fazer ato de presença. Toda responsabilidade pode ser desvirtuada, infectar-se e adulterar-se. Outros, a vivem com dignidade, não como título, com a dignidade que tem o servir em si. De muitas maneiras se vive e se exerce esta tarefa-serviço que se pede a determinadas pessoas.

Nós, na Frater, temos vários documentos que nos falam do perfil do assessor, suas qualidades, como devem ser, como não devem ser, coisas que sempre devem evitar e atitudes que estarão sempre presentes. Todos estes documentos, de alguma maneira, são expressão das experiências de caminho que vamos tendo em nossa história, ainda não muito longa, mas nossa história. Experiências de quem caminhou conosco como assessor. Também sabemos o que é estar sem assessores, desejando tê-los e não podendo contar com eles. Existe, então, uma história de experiências diversas. Temos na Frater nosso caminhar que se faz história.

Talvez como fruto de nosso caminho, estejamos em um bom momento para refletir juntos sobre essa responsabilidade, nesse serviço, do ministério da assessoria. Se conosco fazemos o caminho, é bom também sentir que nós de alguma maneira, também lhes brindemos luzes. Há muitas realidades que só desde nossa experiência podem ser conhecidas e que a outros escapam ou lhes é difícil captar. E é bem verdade que todos podemos aprender de todos e todos podemos, desde a simplicidade de nossa experiência, abrir espaços que ajudem a construir um caminho mais fraterno.

Para trabalhar em grupo:

VER:

1. Temos assessores em nosso país?
2. Damos algum passo para consegui-los?
3. Tivemos conflitos com nossos assessores? Como os trabalhamos?

JULGAR:

1. Que experiência temos com nossos assessores?
2. Que pediríamos a um assessor se nos perguntasse: que esperam de mim?
3. Que realidades percebemos que muitas vezes nossos assessores não captam?
4. Que realidades sentimos que deveríamos aprofundar mais com eles?
5. Em que momentos sentimos que sua presença é incondicionalmente necessária?

AGIR:

Que podemos fazer para que aumentem os assessores em nosso movimento?

Textos bíblicos: Mt. 20, 20-28; Mc. 10, 35-45



FORMAÇÃO HUMANA E CRESCIMENTO NA FÉ

Tema 20: Colaboradores na Fraternidade

Objetivo: Descobrir a importância dos colaboradores em nossa vida de FRATER: eles são Frater, aprendemos deles, eles aprendem de nós e juntos vamos tecendo a base de um novo estilo de convivência.

Fato da vida – situação de vida

Todos formamos parte de uma comunidade. Nela vivemos. Ainda que muitas vezes falemos do desejo de que as coisas mudem, quando nos encontramos com o novo, com o diferente surgem em nós os temores e os medos. Isto acontece, em diferentes situações, para a maioria das pessoas. Também é certo que se o desejamos isto pode ser transformado. Todos e cada um de nós podemos mudar.

Desenvolvimento do tema

É humano pedir ajuda, pedir a colaboração e participação dos outros. Cada dia isto se faz mais evidente e urgente, ainda que a sociedade em geral nos induza a viver isolados. Por que não solicitar ajuda para cruzar uma rua? Por que não pedir a colaboração de alguém para entrar em um estabelecimento que não tem acessibilidade? Por que não contar com os outros quando realmente eu não posso fazer as coisas? Todos gostamos que contem conosco, pois isto dá sentido a nossa vida e faz sentir que somos alguém. Toda ajuda ensina algo a quem a solicita e a quem a brinda. Essa expressão de querer contar com os demais e fazê-lo realmente de forma agradecida, pode ser o início de relações novas, de igual para igual e para todos. Muitas vivências nos dizem que aquilo que se iniciou como uma colaboração, caminhou para uma amizade. Que bonito. Todo encontro é semente de milagres.

Em nosso ambiente familiar, a ajuda e a colaboração se dão, em princípio, por natureza familiar. Há experiências diante das quais a gente se sente contente, feliz, pois tudo o que acontece nessa família está colocado a serviço da vida. É, de alguma maneira, um pequeno sacramento que nos diz o que poderia acontecer se tomássemos a vida a sério, porém com alegria e humanidade. No entanto sabemos que muitas situações familiares nos falam de tensões, de dependências, de sentir-nos um problema e até de ser, nós mesmos, criadores desses problemas que fazem mal a todos. Tudo isto pode ser transformado.

É necessário entrar, com respeito e delicadeza, no mundo de nossos medos e aprender a deixar de lado estes medos e temores. Solicitar a colaboração dos outros não é um erro, muito menos pecado, nem é crime ou algo que rebaixe nossa dignidade. Solicitar ajuda é também possibilitar que o outro abra seu mundo ao que lhe rodeia. O sair de nosso pequeno mundo e abrir-se ao novo pode surpreender-nos. E pode provocar reações inesperadas. É bom contar com isso e a partir daí ajudar para que o outro aprenda a ajudar e partilhar a vida. O ajudado ajuda. A vida também tem seu lado humorístico.

Devemos cuidar das pessoas a quem pedimos ajuda ou colaboração. Pois são também pessoas como nós. Todos sabemos que há ajudas que humilham e diminuem. É importante evitar sempre a mútua utilização que, sem perceber, podemos gerar uns e outros. Os que pedimos, desejamos receber e ao mesmo tempo queremos oferecer, é uma relação de igual para igual dentro de nossas capacidades reais. A base de toda colaboração está em respeitar a dignidade comum de todo ser humano. Iniciar a experiência da colaboração é entrar num mundo de relações que requer e pede muito diálogo para juntos crescermos em humanidade.

Para refletir em grupo:

1. Quais são nossas experiências em pedir a colaboração dos outros?
2. Quais são nossas experiências de relacionamento com os colaboradores?
3. Seria bom possibilitar um encontro entre colaboradores para que possam partilhar como se sentem em sua relação conosco? Por que não realizá-lo? Como o prepararíamos?
4. Seria saudável realizar um programa entre eles e nós para conversar sobre como nos sentimos e o que aprendemos uns dos outros. Que coisas seria bom levar em consideração num programa deste tipo?
5. Crêem que provocaria interesse se convidáramos as pessoas de nossa comunidade para um programa destes, para que conheçam nossa vida e como nos ajudamos e assim despertar em outros o interesse de colaborar? O que gostaríamos de partilhar para incentivar a colaboração?
6. Como são vistos, considerados e conduzidos possíveis relacionamentos entre colaborador e fraternista?

Textos bíblicos: Lc 10, 25-37.



FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL

**FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL****Tema 1: Direitos Humanos**

Objetivo: Criar consciência de que todos os humanos tem direitos e deveres uns com os outros e com todos.

Fato da vida – situação de vida**Desenvolvimento do tema**

Os direitos humanos são um conjunto de princípios básicos comuns a todas as pessoas e que são parte de nossa natureza e dignidade humana. Todos os Estados estão obrigados a respeitá-los e a fazê-los parte do direito interno de cada país.

O direito é o reconhecimento público e legal que os cidadãos têm de poder desfrutar e gozar de determinadas ações, benefícios ou serviços que permitam seu desenvolvimento integral e a valorização de sua condição e dignidade humana.

Os direitos humanos não são um presente que se concede, nem estão reconhecidos desde sempre, são o fruto de uma progressiva luta e tomada de consciência da humanidade ao longo da história. Desde a antiguidade as comunidades lutaram para alcançar seu bem estar familiar, por poder viver condições de paz e por um mundo melhor. Através de legislações e acordos internacionais os direitos humanos se constituem em um patrimônio comum que pertence a toda a humanidade.

Os direitos humanos são um bem valioso que todos os seres humanos possuímos e que devemos por sua vez conhecer, promover, proteger e defender porque nos garantem uma vida digna, desenvolver-nos de maneira integral e plena, num ambiente de paz e de prosperidade, com um sentido real de liberdade e igualdade entre as pessoas. O cumprimento dos direitos humanos garante a preservação e evolução da espécie humana.

Todo ser humano tem direitos humanos sem distinção alguma, em todas as épocas e em todas as partes. Os direitos humanos são universais.

De uns direitos se depreendem outros para que sejam cumpridos de maneira integral e completa. Os direitos humanos são interdependentes.

Não há exceções para seu cumprimento. Os direitos humanos são invioláveis.

Não podem ser cumpridos parcialmente. Os direitos humanos são indivisíveis.

Os direitos humanos não são concessões que se fazem ou se conferem, são inerentes a toda pessoa, pelo simples fato de ser pessoa. Os direitos humanos são intransferíveis.

Os direitos humanos não podem nem sequer ser rejeitados, é parte inerente da definição da dignidade humana. Os direitos humanos são irrenunciáveis.

Os direitos humanos não caducam nunca, deverão ser respeitados sempre. Os direitos humanos não prescrevem.

Os direitos humanos preservam ou guardam a dignidade da pessoa em todas as dimensões de seu ser (física, psicológica, familiar, cultural, social, espiritual e em sua dimensão histórica). Os direitos humanos são complementares.

Os direitos humanos são garantidos pela comunidade internacional.

Os direitos humanos estão protegidos pela lei.

Os direitos humanos protegem aos indivíduos e até certo ponto aos grupos.

Obs.: Nunca esqueçamos que a cada direito correspondente, um dever como resposta.

Para refletir e trabalhar em grupo:

1. Que pensas desta expressão?: “Todos os humanos temos direitos humanos”
2. Os direitos humanos são só direitos ou também são responsabilidades? Comparte com teus irmãos/ãs o que pensas a respeito.
3. Na FRATER se vivem estes direitos humanos?
 - Uma pessoa leia em voz alta o texto bíblico. Hab 1,1-4
 - Todos estão convidados a ler o texto sobre os direitos humanos.
Tempo: 30 minutos.
 - Cada um é convidado a refletir sobre o texto. Tempo: 15 minutos
 - Cada um poderá expor ao grupo o que tirou de mais significativo disto.
Tempo 30 minutos.
 - O animador colocará no papelógrafo as idéias principais tirando algumas conclusões.
Tempo: 15 minutos.

**FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL****Tema 2: Classificação dos Direitos Humanos****Objetivo:** Conhecer e dialogar sobre os distintos direitos aos quais temos direito.**Fato da vida – situação de vida****Desenvolvimento do tema**

Para compreender melhor esta realidade que a todos nos afeta e que é variada e rica, como é a própria vida humana, estabeleceu-se uma espécie de categorias que nos permitam uma melhor compreensão desta realidade humana que nos compete a todos. Por isso dizemos que os direitos humanos podem classificar-se em varias categorias. A distinção mais comum é a que se estabelece entre os direitos civis e políticos, por um lado e os direitos econômicos, sociais e culturais por outro.

Também existe outra denominação que é útil conhecer: **Direitos Humanos de Primeira Geração**. São assim denominados por haver sido reconhecidos pelos Estados antes de qualquer outro direito. Compreendem os Direitos Civis e Políticos. Com esta denominação nos referimos as liberdades e a condição de igualdade que tem todos os seres humanos para sua realização, tanto em dignidade como em equidade. Sua finalidade principal se orienta para a proteção da liberdade, a segurança e a integridade tanto física como moral da pessoa. Seu reconhecimento como direitos Humanos surgiu faz mais de 200 anos, com a declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em 1798 e se universalizou com a Declaração Universal das Nações Unidas de 1948 e no respectivo Pacto Internacional, adotado pela Assembléia Geral da ONU em 1966.

Os Direitos Civis são aqueles direitos que protegem a vida pessoal do individuo:

- . Direito a vida.
- . Direito a integridade física e moral.
- . Direito a liberdade pessoal.
- . Direito a segurança da pessoa.
- . Direito a igualdade diante da Lei.
- . Direito a liberdade de movimento ou livre trânsito.
- . Direito a nacionalidade.
- . Direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião.
- . Direito a contrair matrimonio e fundar uma família.
- . Direito de liberdade de opinião e expressão.

Os Direitos Políticos são aqueles que correspondem ao ser humano em sua qualidade de cidadão:

- . Direito a participar na direção dos assuntos políticos ou do estado, e portanto a ter acesso, em igualdade de condições, as funções publicas do país.
- . Direito a formar partidos políticos ou de afiliar-se aos que já estão formados.
- . Direito a participar em eleições democráticas.
- . Direito a eleger funcionários públicos através do voto.
- . Direito a ser eleito e portanto a formar parte do Governo.

Estão também os **Direitos de Segunda Geração** e recebem esse nome porque foram reconhecidos posteriormente aos primeiros Direitos Humanos.

Compreendem os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. A finalidade principal destes direitos é garantir um bem estar econômico, uma real e progressiva justiça social e acesso pleno aos benefícios da cultura e da educação.

Estes Direitos se encontram proclamados no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da Organização das Nações Unidas (ONU) de 1966. A diferença das liberdades individuais, os direitos sociais e econômicos não são diretamente exigíveis, senão que os Estados tem a responsabilidade de criar as condições e as leis necessárias para que se consiga um melhor proveito destes direitos.

Os Direitos Econômicos:

- Direito a propriedade individual e coletiva.
- Direito a segurança econômica.

Os Direitos Sociais:

- Direito a alimentação, a estar protegido contra a fome.
- Direito ao trabalho, a segurança social, a um salário justo e eqüitativo, ao descanso, a sindicalização e a greve.
- Direito a moradia.
- Direito a saúde.
- Direito a educação básica e elementar.

Os Direitos Culturais:

- Direito de participar na vida cultural do país.
- Direito a gozar dos benefícios da ciência e da tecnologia moderna.
- Direito a investigação científica, literária e a beneficiar-se dela.

Existe também um terceiro grupo de direitos chamados **Direitos dos Povos ou Solidariedade**, são os **Direitos de Terceira Geração**. Nascem de problemas e conflitos que ultrapassam as fronteiras de um só país, como o assunto da contaminação do meio ambiente, a realidade das guerras, a exigência da autodeterminação e o desenvolvimento digno dos povos indígenas e das Nações do Terceiro Mundo. Estes direitos incluem:

- Direito a Paz
- Direito ao desenvolvimento econômico.
- Direito a autodeterminação ou livre determinação dos povos para estabelecer livremente sua organização política, sua forma de governo, suas leis e a dispor de seus recursos naturais e riquezas.
- Direito a dispor de alimentos saudáveis, não contaminados e a dispor de ar e água pura.

Para refletir: de forma individual ou grupal e depois colocar em comum

- + Crês que há uns direitos humanos mais importantes que outros?
- + Que tipo de obrigações estabelecem os direitos humanos?
- + Só os Estados tem obrigações em relação com os direitos humanos?
- + É possível concretizar os direitos humanos quando se dispõe de recursos limitados?
- + As pessoas com deficiência tem direitos especiais?
- + Conheces alguma situação de violação desses direitos?
- + Sabes ou tens experiência de fazer valer teus direitos?



FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL

Tema 3: Fundamentos dos Direitos Humanos

Objetivo: Conhecer e compreender os princípios fundamentais dos direitos humanos.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Todo ser humano tem direitos humanos sem distinção alguma, em todas as épocas e em todas as partes.

Os direitos humanos são **universais**.

De uns direitos decorrem outros para que sejam cumpridos de maneira integral e completa.

Os direitos humanos são **interdependentes**.

Não há exceções para seu cumprimento.

Os direitos humanos são **invioláveis**.

Não se podem cumprir parcialmente.

Os direitos humanos são **indivisíveis**.

Os direitos humanos não são concessões que se fazem ou se conferem, são inerentes a toda pessoa, pelo simples fato de ser pessoa.

Os direitos humanos são **intransferíveis**.

Os direitos humanos não podem nem sequer ser rejeitados, são parte inerente da definição da dignidade humana.

Os direitos humanos são **irrenunciáveis**.

Os direitos humanos não caducam nunca, deverão ser respeitados sempre.

Os direitos humanos **não prescrevem**.

Os direitos preservam ou guardam a dignidade da pessoa em todas as dimensões de seu ser (física, psicológica, familiar, cultural, social, espiritual e em sua dimensão histórica).

Os direitos humanos são **complementares**.

Os direitos humanos são **garantidos** pela comunidade internacional.

Os direitos humanos estão **protegidos pela lei**.

Os direitos humanos protegem aos **indivíduos** e até certo ponto aos **grupos**.

Para refletir em grupo:

- Pensar e refletir cada uma destas características e princípios dos direitos humanos.
- De todas estas características, qual crês que se vive mais e qual se viola mais?
- Conhecer esta realidade, que portas te abrem pessoalmente e como grupo?
- Damos-nos conta de que não só devo viver meus direitos, exigir que se respeitem, mas que além disso devo fazer o possível para que sejam respeitados os direitos dos demais?
- Porque a dignidade humana, comum a todo ser humano, é a base de todo direito humano?



FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL

Tema 4: Participação cidadã

Objetivo: Despertar a consciência sobre o direito a participação como cidadão na busca de situações cada vez mais dignas, através dos meios que nos pertencem como pessoas, assumindo assim nossa tarefa de ser gestores de uma convivência cada vez mais humana.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Vivemos em sociedades bem concretas. E é ali, nos lugares onde vivemos, onde iremos crescendo como pessoas chamadas a uma vida feliz. Muitas são as coisas que fazem possível essa realidade. No entanto, muitas vezes nos encontramos com situações que afetam nosso desenvolvimento e impedem o crescimento humano. Estas realidades afetam a nós e afetam também aos demais. Vivemos em comunidade, não isolados uns de outros. O que afeta a todos, deve ser cuidado com a participação de todos. Por isso, devemos cuidar da participação cidadã.

A participação cidadã é um “**processo que implica a ação responsável, organizada, sistemática e permanente da cidadania para ser protagonista de seu próprio destino e de sua comunidade**”. É um dever cidadão que incide na gestão dos assuntos próprios da comunidade e na construção e vigilância das ações dos governantes, representantes e servidores públicos. Tem uma conotação essencialmente política cujo objetivo é a democratização do sistema político.

A participação cidadã surge das iniciativas de um grupo reconhecido como membros de uma comunidade que se organizam e se integram de maneira individual e coletiva para exigir seus direitos, otimizar seus recursos e buscar soluções que assegurem um nível de vida adequado para a comunidade.

Esta participação cidadã pode ser levada a cabo por uma pessoa ou varias pessoas: representantes de uma comunidade, líderes esportivos, mulheres, pessoas com deficiência, membros de paróquias, idosos que se organizam em comissões de trabalho nas quais podem participar autoridades locais.

Para que tal participação seja efetiva deve haver uma referencia jurídica que respeite plenamente as liberdades políticas e locais. A existência de mecanismos institucionais que garantam a intervenção cidadã e a existência de organizações que sirvam de suporte ao processo de participação. Deverá ser um trabalho autônomo, isto é, livre das ingerências do poder constituído e para isso a circulação de informações é fundamental. Temos que ser protagonistas.

Todo trabalho, e a construção de uma comunidade é um trabalho, requer e precisa de passos concretos que nos ajudem a chegar a bom termo. Antes de tudo, é necessário identificar o problema, analisá-lo entre todos e definir metas que sejam claras, objetivas e bem específicas. É necessário também ver as possíveis soluções evitando gerar outros problemas, ver que passos iremos dar para o cumprimento de ditas ações e finalmente fazer uma avaliação de toda a participação realizada. Avaliar sempre nos educa a todos.

Para refletir e trabalhar em grupo:

Uma pessoa leia em voz alta o texto bíblico: Atos 12,9-21.

Todos deverão ler o texto acima. Tempo: 15 minutos.

Formar pequenos grupos para responder as seguintes perguntas:
(tempo: 30 minutos):

- Como te sentes diante deste direito e dever de ser gestor da comunidade?
Sentes-te capaz? Crês que podes realizar esse direito e dever?
Ou crês que isso é para os outros e não para ti?
- A participação cidadã é um direito e também um dever...
Porque muitas vezes são maiores as queixas que as contribuições?
- Que situações existem no lugar onde vives e que sentes, poderiam ser diferentes se exercitarmos o direito de participação cidadã?
- Conheces realidades que são fruto da participação de todos?

Cada grupo pequeno deverá escolher um coordenador
(este deverá fazer que todos participem com suas contribuições)
e um relator (que anotar e expor as conclusões do grupo na plenária).

Cada relator terá 5 minutos para a exposição.
Tempo: 20 minutos.

O animador anotar no papelógrafo as principais idéias,
tirando algumas conclusões e pistas de ação para o núcleo.
Tempo: 25 minutos.

**FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL****Tema 5: Convenção Internacional de Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência**

Objetivo: Conhecer o conteúdo e o valor da Convenção Internacional de Direitos Humanos das pessoas com deficiência.

Fato da vida – situação de vida

Um grupo de pais tomou a decisão de realizar uma manifestação diante do ministério da educação, porque as crianças surdas não estavam tendo a adequada inclusão, já que não havia professores preparados que soubessem a linguagem de sinais. A manifestação não teve maior efeito. O ministério argumentou que estavam fazendo um grande esforço incluindo crianças com deficiência nas aulas e que por agora não há recursos para professores especializados. Ao perguntarem aos pais de família se conheciam a lei que obrigava o governo a cumprir com a equiparação de oportunidades e o direito à educação, muitos não a conheciam...

Desenvolvimento do tema**Valor e necessidade da Convenção**

Ao falar sobre o processo de negociação deste tratado, em seus inícios muito se questionou sobre a sua necessidade. Os que se opunham a adoção deste novo tratado temático expressavam que as pessoas com deficiência, estavam incluídas nos sete tratados de Direitos Humanos que a ONU havia adotado e que as Normas Uniformes, ao serem reforçadas em sua supervisão, cobriam as necessidades de cumprimento efetivo dos direitos das pessoas com deficiência.

Ao longo do processo, se conseguiu chegar a um convencimento consensuado de que a Convenção era um instrumento imprescindível para conseguir garantias mais efetivas de cumprimento, gozo e exercício de seus direitos, por parte das pessoas com deficiência de todo mundo.

Demonstrou-se que a aplicação dos tratados universais, em muitos direitos não chegavam às pessoas com deficiência e que quando chegavam, era de forma muito limitada ou incompleta. Ficou claro que a discriminação associada com deficiência, se manteve ao longo das últimas décadas e que a sucessiva implementação desses tratados, não havia provocado mudanças relevantes neste campo, com exceção da Convenção de Direitos da criança que o faz de maneira parcial e restritiva, já que ao mencionar às crianças com deficiência, não os coloca transversalmente ao longo desta convenção, senão em alguns temas e direitos específicos.

A relativa invisibilidade das pessoas com deficiência, tanto na sociedade como nas disposições dos instrumentos internacionais vigentes em matéria de direitos humanos, demonstrou a necessidade de adotar um tratado internacional que atendesse as necessidades particulares no reconhecimento efetivo, e no exercício pleno e o desfrute de todos os direitos humanos por parte das pessoas com deficiência.

Agora se pode contar com um instrumento jurídico universal de ampliação obrigatória, que poderá ser utilizado pelos Estados-Partes que reconheçam os direitos das pessoas com deficiência, os respeitem, protejam e os façam efetivos, através de políticas públicas e outras ações.

Apoio legal para a mudança de referencia sobre deficiência

A referência dos Direitos Humanos se centra na dignidade própria do ser humano; quer dizer, na dignidade que se tem pelo fato de ser humano.

A deficiência é colocada como uma característica a mais dentro da diversidade dos seres humanos e não como a característica que deve definir a vida de uma pessoa, que totaliza o destino de uma pessoa num marco de discriminação e exclusão. A deficiência é caracterizada como produto social que resulta da interação entre as pessoas com deficiência e as barreiras atitudinais e ambientais, que não permitem a plena participação e inclusão na sociedade onde vivem.

O problema da deficiência está localizado no entorno sociocultural e físico e é produzido pela falta de consciência do Estado e da sociedade em relação à diferença que representa a deficiência. O estado tem a obrigação de fazer frente aos obstáculos criados socialmente, com o fim de promover e garantir o pleno respeito à dignidade e igualdade de direitos de todas as pessoas.

A partir deste tratado, o modelo ou paradigma dos direitos humanos e de desenvolvimento social, conta com uma base jurídica de aplicação obrigatória ou vinculante universal; situação que não se dava anteriormente. O modelo que até agora dominou o âmbito da deficiência (o tradicional e o médico), não proporcionam os direitos das pessoas com deficiência, pelo contrario, coloca-as como objetos de lástima e “caridade” (modelo tradicional) e como paciente, objeto de reabilitação (modelo médico).

A Convenção é um instrumento facilitador para o exercício de direitos

Não cria novos direitos e especiais para as pessoas com deficiência. É instrumento facilitador reconhecido no sistema universal para que as pessoas com deficiência desfrutem plenamente e em igualdade com as demais pessoas. É uma espécie de “rampa” para alcançar tais direitos. Os Estados que adotam (estado-parte) devem criar as condições para que os direitos se façam efetivos. Deve converter-se em um aumento de sua participação social, incluída a criação e desenvolvimento de organizações nacionais, regionais e internacionais de pessoas com deficiência.

Princípios em que se baseia o tratado

- . Dignidade inerente, autonomia individual e independência.
- . Não discriminação.
- . Participação e inclusão plenas e efetivas na sociedade.
- . O respeito à diferença e a aceitação da deficiência como parte da diversidade e condição humana.
- . A acessibilidade.
- . A igualdade entre homem e mulher.
- . O respeito pela evolução e as dificuldades das crianças e seu direito a preservar sua identidade.

Mecanismos do Monitoramento

Para zelar pelo cumprimento do disposto no tratado. Estes mecanismos de supervisão estão incluídos nos artigos que vão do 33 ao 40 da convenção.

Cabe destacar que, enquanto em outros tratados semelhantes, incluem somente o tema de monitoramento internacional, esta Convenção recolhe no artigo 33, a aplicação e seguimento nos âmbitos nacionais.

Monitoramento Internacional

No artigo 34 se desenvolve o tema do Comitê sobre direitos das pessoas com deficiência.

O Comitê está constituído por 12 expertos independentes, a Convenção entrou em vigor no dia 3 de maio de 2008 com a ratificação do Equador. Assim alcançou o número 20 de adesões de países necessários para a ratificação. Quando chegar a 60 ratificações ou adesões o comitê alcançará o número de 18 membros.

Disposições administrativas

Do artigo 41 até o 50, a Convenção conta com uma serie de artigos que poderíamos considerar “administrativos” do tratado, que tem que ver com depósito, assinatura, entrada em vigor, reservas, emendas, denuncias dos Estados, formato acessível, etc.

Protocolo Facultativo ou opcional

Este documento consta de 18 artigos e foi aprovado em 13 de dezembro de 2006, pela Assembléia Geral da ONU juntamente com a Convenção.

Contém um conjunto de disposições mediante as quais se fixam as condições para a recepção e tramitação de queixas ou denúncias individuais, por parte do Comitê, sobre os direitos das pessoas com deficiência, de pessoas ou grupos de pessoas com deficiência, que se encontrem sob a jurisdição de um Estado-Parte e que aleguem ser vítimas de violações das disposições da convenção.

Indica que um Estado que assinou e ratificou a Convenção, ou aderiu a ela, convertendo-se em Estado-Parte, pode ou não converter-se em Estado-Parte do Protocolo Facultativo. A assinatura ou adesão a ele é independente daquela da Convenção.

É importante para as pessoas com deficiência que seu país assine e ratifique os dois documentos, já que o último permite a emissão de queixas ou denúncias individuais de violações de direitos das pessoas com deficiência. No entanto é de esperar que, países que tem um histórico de violação dos direitos das pessoas com deficiência, se inclinem a ratificar a convenção mas não o Protocolo Facultativo para não serem colocados no banco dos acusados a partir das denúncias de pessoas com deficiência. É por isso que as organizações de pessoas com deficiência e outras entidades interessadas neste tema se certifiquem de que a assinatura cubra aos dois documentos.

Para refletir:

1. Estás informado/a de que seu país assinou a convenção e o protocolo em 30 de março de 2007? Quem o fez em representação de seu Estado? Que ambiente há entre os responsáveis para impulsionar a ratificação do tratado e do protocolo facultativo?
2. Consideras que é necessária uma campanha de divulgação do texto da convenção? Se sua resposta é afirmativa, que entidade ou organizações consideras que devem impulsioná-lo e a que setores deve ir dirigida?
3. Que ações realizaram as organizações de pessoas com deficiência e entidades participantes no mesmo tema para a ratificação e assinatura dos dois documentos?

4. Como membro de um movimento de pessoas com deficiência, que participação tiveste na divulgação da lei que protege à pessoas com deficiência de teu país e no conhecimento da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência?

Sugestões:

Trabalhar em grupo de até 6 pessoas. Nomear um secretário e um moderador. Depois do grupo, partilhar em plenário.

Nota: As pessoas que irão desenvolver o tema, tenham em mãos a Convenção e o Protocolo.

**FRATERNIDADE, ALDEIA GLOBAL****Tema 6: Fazendo uso da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**

Objetivo: Informar sobre as necessidades que se geram ou devem gerar-se, a partir da ratificação e entrada em vigor da convenção em um país.

Fato da vida – situação de vida

Diana Pérez apresentou uma queixa diante da Defensoria do Povo porque sentiu haver sido discriminada. Com seqüelas de poliomielite, usa uma cadeira de rodas, não lhe dão trabalho num banco da localidade apesar de ter tirado a pontuação mais alta na entrevista e avaliação escrita para o cargo. Conhecendo a lei de seu país, que protege os direitos das pessoas com deficiência e observando que não se está cumprindo, quer conhecer sobre leis internacionais que obriguem ao governo a ter uma maior participação no cumprimento da lei para tomar medidas quando não se cumprem.

Desenvolvimento do tema

Reforma das leis nacionais a partir da ratificação do tratado.

Uma vez que a Convenção está ratificada em nossos países ela se converte em lei nacional e suas disposições são integradas ao sistema jurídico.

Há que se determinar que valor ou categoria tem o novo Tratado em relação com a Constituição e as leis de nossos países.

Temos quatro opções:

1. Que a Convenção tenha valor superior a Constituição Nacional (categoria supra-constitucional)
2. Que tenha a mesma categoria que a Constituição (constitucional).
3. Que tenha valor maior que as leis do país (supra-legal).
4. Que tenha o mesmo valor que as leis; o que a coloca na categoria legal.

Exemplo: Se queremos averiguar qual é a relação que estabelece a normativa de Costa Rica entre um Tratado internacional ratificado pela Assembléia Legislativa e as leis do país, podemos revisar a Constituição política costarricense para conhecer o que diz a respeito: O artigo 7, nos aclara o que estávamos buscando. O artigo diz textualmente: *“Os tratados públicos, os convênios internacionais e os acordos, devidamente aprovados pela Assembléia Legislativa, terão desde sua promulgação ou desde o dia que eles designem, autoridade superior às leis”*

Constituição Política de Costa Rica

Isso quer dizer que neste país irmão, a Convenção terá um valor superior a suas leis.

Coloquemos outro exemplo: Na hora de resolver um assunto legal onde se envolva uma pessoa com deficiência intelectual ou psico-social (digamos, a herança de uma propriedade), este será resolvido com o que fixa a lei do país em matéria de interdição (privação do direito a tomar uma decisão pela pessoa afetada) e tutela (cuidador ou pessoa responsável pela pessoa em questão), isto quer dizer que onde pesa mais a decisão da pessoa que se é responsável ou cuida dos “interesses” da pessoa com deficiência intelectual neste caso. Com a entrada em vigor da convenção, tal assunto terá um marco distinto, já que deverá prevalecer o que indica o artigo 12 do tratado (“Igual reconhecimento como pessoa diante da lei”), onde o papel de representante é menor e há uma preocupação maior em proteger esse direito nas pessoas com deficiência.

Como se poderão aplicar as disposições contidas na convenção em nossos países?

O tratado sobre direitos das pessoas com deficiência, nos oferece uma serie de disposições e princípios que são valiosas para a orientação, mas que podem apresentar dificuldades para sua aplicação prática. Neste sentido a Convenção é uma luz para orientar e dar rumo. Deve servir para fixar as mudanças que devem ser impulsionadas nas normas existentes no país no momento da ratificação, para que se ajuste ao indicado pela Convenção. Quer dizer, o tratado ainda que tenha sido ratificado e convertido em parte do ordenamento jurídico do país, não poderá ser aplicado em todos os casos e direitos que reconhece e protege de maneira automática senão que, em muitas ocasiões, terá que ser feito através de reformas legislativas, que façam aplicável o disposto pelo tratado. É necessário lembrar aqui que a Convenção contém disposições e princípios gerais.

A partir desta necessidade o artigo 4 da convenção, relativo as “obrigações gerais”, estabelece:

- Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e as liberdades fundamentais das pessoas com deficiência sem discriminação alguma por motivos de deficiência. Ao final os Estados Partes se comprometem a:

1. Adotar todas as medidas legislativas, administrativas e de outra índole que sejam pertinentes para fazer efetivos os direitos reconhecidos na presente Convenção.

2. Tomar todas as medidas pertinentes, incluídas as medidas legislativas, para modificar ou anular leis, regulamentos, costumes e práticas existentes que constituam discriminação em relação as pessoas com deficiência.

A tarefa que devemos trabalhar como organizações de pessoas com deficiência e em geral quem estiver interessado de que a convenção se aplique e se converta em instrumento transformador, é comparar como os distintos temas contidos no tratado, estão contemplados nas leis de nossos países.

Exemplos:

Comparação entre a Convenção e a Lei de Equiparação de Oportunidades de El Salvador (decreto No 888)/ Tema: Acessibilidade.

Comparação entre a Convenção e a Lei de Prevenção, Reabilitação e Equiparação de Oportunidades de Nicarágua (Lei N° 202) Tema: Enfoque sobre a deficiência.

Participação e vigilância das ONGs de pessoas com deficiência

A ratificação do Tratado amplia a agenda de atuação, tanto no âmbito nacional como internacional.

No âmbito nacional podemos destacar duas importantes tarefas:

1. Impulsionar reformas na legislação nacional para que se ajuste aos conteúdos de avanço da convenção.

2. O monitoramento nacional do Tratado.

É importante lembrar o que diz o artigo 33 da convenção. “Os Estados Partes, em conformidade com seu sistema organizativo, designarão um ou mais organismos governamentais encarregados das questões relativas à aplicação da presente Convenção e considerarão detidamente a possibilidade de estabelecer ou designar um mecanismo de coordenação para facilitar a adoção de medidas a respeito em diferentes setores e em diferentes níveis”.

Para as ONGs é uma tarefa de primeira ordem insistir para que, as entidades governamentais, encarregadas do seguimento e do monitoramento sejam as idôneas e que cumpram, eficaz e eficientemente. O mesmo artigo 33 diz: “A sociedade civil, e em particular as pessoas com deficiência e as organizações que as representam, estarão integradas e participarão plenamente em todos os níveis do processo de seguimento”.

O Estado, ao ratificar a Convenção, a converte em norma de respeito obrigatório. Portanto, nos corresponde às ONGs dar-lhe conteúdo e fazer acatar tal disposição.

Neste sentido, é muito importante que a sociedade civil, especialmente as organizações de Pessoas com Deficiência, estejam bem inteiradas sobre a instancia governamental e com que critérios, irão definir as instituições encarregadas das questões relativas à aplicação do tratado. Assim como observar que mecanismos de coordenação estabelecerá o governo para facilitar a adoção de medidas.

A Sociedade Civil, as organizações de Pessoas com Deficiência, e Organizações que as representam somos os responsáveis de exigir o cumprimento das leis nacionais e internacionais sobre Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência. Por isso é de suma importância o conhecimento que devemos ter das leis de nossos países e da Convenção da ONU. Este conhecimento é o que nos permitirá ter uma participação objetiva e proveitosa para seu cumprimento.

Para refletir:

(Formar grupos de 6 pessoas). Nomear um secretário/a para anotar as respostas que depois serão partilhadas em plenária. Em grupo ler o texto. Partilhar conhecimentos entre todos.

- Que valor tem para teu país a ratificação da convenção, em relação às suas próprias leis?
- De que maneira é importante a comparação das leis de teu país com a Convenção?
- Que papel jogam a sociedade civil, as organizações de pessoas com deficiência e as organizações que as representam?
- De que maneira tu, como membro da sociedade em que vives, podes participar para que isto se cumpra?



ESPÍRITO ECUMÊNICO



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 1: Fraternidade com espírito ecumênico

Objetivo: Criar um espírito aberto à vida em toda sua totalidade para viver maneiras de ser mais harmoniosas entre nós e com tudo que nos rodeia.

Fato da vida - situação de vida

Desenvolvimento do tema

Quando usamos a expressão espírito é normal que nossa mente, de modo inconsciente, se limita a realidades bem específicas e quase sempre um tanto alheias a nossa vida cotidiana, por ser relacionada ao espiritual. Não deveria ser assim. Se existe algo relacionado com a vida é o espírito. Quando experimentamos algo e está sem sabor dizemos que está insosso... lhe falta algo, definitivamente, lhe falta espírito. Também expressamos, diante de certos modos de vida, esta pessoa tem um espírito aberto, amplo... ou, que bom espírito tem...

O espírito caracteriza nosso modo de sentir, pensar e entender a vida e o mundo, manifesta nossa percepção das coisas. Em nosso agir se expressa o espírito que nos move. O espírito caracteriza nossa atitude diante das pessoas e das coisas.

Por isso é sadio perguntar-nos: que espírito anima nossa vida? Com que espírito vivemos diariamente? Nossa vida, que espírito transmite a quem se aproxima de nós?

A palavra ecumênico expressa o que na antiguidade se entendia com a expressão grega “oikoumene”, ou seja, o mundo habitado, a casa comum. Daí também a palavra eco-nomia para expressar a regulamentação, as normas da casa comum, ou a palavra eco-logia, tão comum em nossos dias, para indicar a lógica a seguir no cuidado e respeito à casa comum. Por isso falamos agora de homens e mulheres com espírito ecumênico, abertos ao mundo, sabendo-se e sentindo-se parte da casa grande que todos habitamos.

O espírito ecumênico se manifesta nas relações cotidianas quando se vive com serenidade a realidade das diferenças, a abertura ao novo e a acolhida sábia da vida diversa que se expressa em todo o criado. Na medida em que este modo de sentir, pensar e entender as coisas se faça prática de nosso diário viver, estaremos colaborando de maneira efetiva e afetiva na verdadeira integração e harmonia entre todos os seres que compõem o universo.

Para refletir:

Muitas vezes as expressões: “tu és único... como tu não há outro... és irrepitível...” elevaram nosso ânimo. Estas expressões têm muita verdade e afirmam que todos somos diferentes... Pensemos um pouco:

- Nos alegra sermos únicos, irrepitíveis, diferentes...

Lembra e partilha a alegria que sentiste quando escutaste estas expressões ou quando tu mesmo te deste conta disso.

- Também é certo que as vezes nos custa aceitar a quem é diferente de nós ou pensa de maneira distinta da nossa. Sentimos medo? Sentimo-nos inseguros, ameaçados? Porque acontece isto?

- Pensa com calma em pessoas e coisas que sejam diferentes ... Fixa-te em todo o bonito que há nelas... por que não sentir que elas, como tu, são únicas, irrepetíveis? Porque não sentir que elas, como tu, tem direito a ser quem são? Porque não senti-las amigáveis, fraternas, em vez de inimigas ou adversárias?
- Alegra-te por algo que seja diferente de ti...
- Alegra-te por seres tu mesmo.
- Anima-te a fazer uma redação sobre a beleza de tudo o que é diferente de ti, incluindo-te, também, no que escreves.



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 2: Irmãs e irmãos cuidando da casa de todos

Objetivo: Criar a consciência da necessidade de todos cuidarem de todos, desde nossos lugares, da casa comum. Aprender a realizar esse direito e essa responsabilidade.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema:

Há bastante tempo se vem falando da necessidade de cuidar do planeta terra no qual vivemos. Há necessidade de criar um ambiente de cuidado maior com esta casa comum onde temos o direito de viver e viver bem. Temos o dever de cuidá-la, não jogando lixo de qualquer tipo e outras coisas mais, para que nós e os demais vivamos bem, como todo ser humano merece. Há muitos escritos sobre esta responsabilidade de todos: Documentos de Acordos e Pactos; Estudos que nos conscientizam sobre as consequências a que nos leva a omissão nesta responsabilidade. Investigações sérias que falam do estrago que já causamos apesar de ter conhecimento da responsabilidade comum. Também se criaram organizações não governamentais para isto, os artistas denunciam e por sua vez educam para esta convivência mais solidária com tudo que existe. Cuida-se, defende-se e protege-se nossos animais, há espaços que são patrimônio de toda a humanidade. Começamos um caminho e teremos que continuar nele.

A criação inteira é uma casa comum. Esta expressão nos ajuda a tomar consciência de algo muito real: o de que tudo está inter-relacionado. Nada nem ninguém é alheio a nada. Podemos dizer facilmente que não nos interessa, sobretudo quando nos sentimos atingidos por algo. Por vezes nos custa aceitar que nossas ações repercutem e afetam toda a humanidade. Falar de ecologia e assumir essa experiência vai educando nossa sensibilidade humana, nosso sentido de solidariedade e nos ajuda sair do pequeno mundo em que a própria sociedade, que fala de globalização e de aldeia global, muitas vezes quer encerrar-nos de forma direta ou de forma camuflada.

A declaração e realização de uma guerra não só afeta ao país onde caem os mísseis. A guerra, se abrimos bem os olhos, a mente e o coração, mata toda a humanidade. O desmatamento desenfreado para favorecer os negócios e a riqueza, estraga e maltrata toda terra, repercute na vida de seus habitantes e afeta a climatologia do universo. O não cuidado das águas, mares, rios e também das plantas e dos animais, o abuso de certos meios de transporte, as construções sem planejamento também colaboram na deterioração da casa comum. Ser ecologista não é só protestar contra os ataques que são feitos à natureza. Trata-se também de uma atitude permanente de não consumir mais do que necessitamos e de cuidar da vida como um todo.

Precisamos abrir bem nossos olhos e o coração para deixar-nos extasiar pelo que aparece diante de nossos olhos. O universo é uma verdadeira obra de arte, porque não contemplá-lo, valorizá-lo e cuidá-lo? O universo todo é um mundo de surpresas, incógnitas, mistérios que quanto mais nos acercamos mais evidente fica a interligação que se dá entre tudo. Por isso, lucrar com o cosmos é matá-lo. Aprendamos a ver o universo como um irmão e amigo íntimo. Necessitamos redescobrir o cuidado com ele e cuidando-o, nos cuidamos a todos. Necessitamos aprender a ser ternos e delicados com tudo o que nos rodeia para reaprender a cuidar a vida presente em cada coisa. Tudo tem sua razão de ser e isso nos convida a romper aquele esquema que diz, só ser valioso, o que é útil ou o que produz.

O cuidado desta casa comum, de cada um dos irmãos/ãs, e de si próprio, é também uma forma de ir aprendendo a ser homens e mulheres novos. Francisco de Assis nos fala da fraternidade que existe em

tudo o que nos rodeia. Sua pessoa e imagem é sempre nova. É urgente voltar a ela. Educar-nos todos os dias no “fazer aos outros só aquilo que desejaríamos que fizessem a nós mesmos”... ou “não fazer nunca o que nunca desejaria que me fizessem” e isso em todos os níveis.

Todo um mundo a realizar. Uma tarefa de todos os dias. Já não sobrar tempo para a preguiça e se olharmos bem, talvez este trabalho nos devolverá o sentido festivo e harmonioso da vida, essa vida que é boa e que foi colocada em nossas mãos para que, fruto do cuidado responsável, todos vivêssemos bem e não de qualquer maneira.

Para refletir em grupo:

1. Nos sentimos parte da humanidade e habitantes desta casa comum onde cada um tem o direito de viver e o dever de cuidar?
2. De que maneira exercitamos esse dever e esse direito?
3. Sinto alegria ou sou indiferente diante das notícias que falam do cuidado desta casa em que vivo e onde vivem outras pessoas com direito, como eu, de viver plenamente?
4. Como expressar ternura diante do que me rodeia, coragem na defesa da vida muitas vezes maltratada, e solidariedade com aqueles que cuidam esta casa mais além de minhas fronteiras pessoais?
5. Que posso mudar em minha vida diária para melhorar minha atitude ecológica?

Dinâmica:

Fazer uma lista de 5 práticas que possas realizar em tua vida diária para cuidar de nosso planeta.



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 3: Espírito ecumênico e cultura

Objetivo: Nascermos dentro de uma cultura. Valorizar a própria cultura e também a alheia.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

A cultura nos situa no complexo mundo dos padrões de comportamento, crenças, instituições e valores que nos foram transmitidos. Nas diversas culturas há valores comuns – a justiça, a paz, a verdade, o respeito – mas a maneira de expressá-los pode ser muito variável. Há diferentes culturas e em cada uma delas as pessoas são felizes. Não seria justo dizer que esta ou aquela cultura é melhor que outra. Aceitar e respeitar essa diversidade é colocar-se diante da vida com espírito ecumênico (Lucas 10,25-35)

Nos distintos processos culturais dos povos, em suas tradições, costumes, podemos verificar que existem princípios e valores comuns, semelhantes, mas as realidades evidenciam que, de modo diverso, vivemos uma **cultura de dependência** onde os que tem o poder mandam e a maioria obedece. Atualmente vivemos também um processo de desarmonia, pois se valoriza mais a matéria que o espírito, a sede de posse, poder e prazer imperam e para isto tudo é legitimado. Tanto é assim, que quem não entra nesse estilo de vida, parece fora da realidade. As leis do consumo (**cultura do consumo**) nos desorientam e nos tiram do cuidado da natureza e do ambiente. A lei do mercado marca muitos estilos de convivência. Estamos convertendo-nos em individualistas, mesmo em meio ao processo de globalização; perdendo a dimensão coletiva da vida para colocá-la a serviço do interesse de uns poucos. Estamos vivendo uma cultura do consumo, onde consumimos e somos consumidos.

Ao nível mundial também se fala da **cultura da vida**, cultura da **morte**, cultura do **bem estar**. Estas realidades manifestam valores, não ausência dos mesmos, como algumas vezes pensamos. Dizemos que nos faltam valores mas não é. Há valores e talvez seja bom interrogar-nos sobre eles. Cada dia vamos ficando mais conscientes desta realidade cultural, que é algo mais que saber muito, ser ignorante ou ter títulos e condecorações. Nascermos em meio a uma cultura, com seus valores e desde nosso fazer diário, nós também somos criadores de cultura e vamos gerando valores.

Na maioria de nossos países convivem diversas culturas. Nem sempre foram valorizadas em toda sua riqueza humana. Que bom conhecê-las, respeitá-las, valorizá-las, entrar em diálogo, aprender delas, sentir-nos contentes pelas diferentes expressões de humanidade.

Para dialogar:

1. Que culturas existem em nosso país?
2. Porque penso que minha cultura é melhor que a de outros?
3. Valorizo a riqueza humana da partilha e convivência com outras culturas?
4. Que cultura, de alguma maneira, nos domina a todos?



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 4: Espírito ecumênico e afetividade

Objetivo: Descobrir que toda pessoa tem capacidade de amar e de ser amado. Aprender a valorizar e respeitar o amor em todas as relações interpessoais.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Todos somos seres com capacidade de amar e de receber amor. Todos temos necessidade de relações e de intimidade. A intimidade pode ser vivenciada de muitas formas segundo a cultura, o ambiente familiar e social no qual crescemos e segundo as opções e inclinações de cada pessoa. Na medida em que são superados tabus, preconceitos, frutos de apropriações culturais e religiosas indevidas, vemos crescer a variedade de manifestações na vivência de nossos desejos. Uns seguem os padrões vigentes, outros buscam caminhos novos.

Todas as relações buscam a felicidade, por isso necessitam de escuta serena e diálogo livre, respeito ao corpo e a interioridade de cada pessoa, aceitação e convivência com o diferente que há em cada um de nós.

O espírito ecumênico ajuda-nos a deixar de lado os medos, que muitas vezes temos, os preconceitos que construímos em nós mesmos e valorizar formas novas de relação e convivência que sejam expressão do amor entre as pessoas. O espírito ecumênico nos ajuda a crescer na harmonia de nossas relações, respeitando e acolhendo nossas diferenças.

Para refletir:

1. Estou consciente de que o amor é algo fundamental em minha vida?
2. Dou-me conta de que ninguém pode proibir-me de amar?
- 3 Percebo que tenho minha própria maneira de expressar o afeto e o amor e que os outros tem outras formas e que todas são valiosas e válidas?
4. Quais são as expressões amorosas que mais me custa aceitar? Por quê?
5. Ao encontrar uma pessoa que tem distinta expressão de amor e de afeto, analisemos:
 - a. Como a recebemos?
 - b. Como podemos vencer nossas barreiras internas?
 - c. Como aceitamos e incluímos esta forma diferente na nossa maneira de ver e sentir?



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 5: Espírito Ecumênico e Corporeidade

Objetivo: Saber-nos e descobrir-nos, desde o que somos, parte do mundo que é nossa casa comum, maravilhoso presente e nele todos cuidadores responsáveis.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema:

Cada um, com nosso corpo, somos parte de um universo harmonioso e diverso. Não estamos sós. Somos família.

Cada um de nós pode extasiar-se diante do nascer e do ocaso do Sol. São verdadeiras obras de arte – sempre novas – que cada dia nos são presenteadas. Olhando as plantas, descobrimos que cada uma tem seu encanto e é única. De igual modo, cada animal tem sua função, seu espaço e seu tempo.

Olhando para nós mesmos, percebemos que somos um corpo com diferentes membros e diversas funções. **Somos corpo.** O corpo nos identifica, ele é matéria e espírito, é energia e vida, é desejo e fé, é conhecimento e ação concreta. Em relação ao corpo existem classificações muito diversas. Todos podemos descobrir a beleza e a arte que é cada corpo. Também descobrimos e sentimos nosso corpo com suas feridas, com sua deficiência, suas capacidades (1Cor. 12,14-21). Sentimo-nos parte de um todo bem diversificado. Sabemos que cada corpo tem um espaço insubstituível, único, intransferível. Ninguém pode ocupar o espaço de outro. O mesmo se dá com o tempo. Cada um de nós, nosso corpo, tem seu tempo de ser e estar no mundo. Este tempo é um presente e por sua vez responsabilidade própria e de todos para que seja tempo pleno, feliz.

Não deveria ser difícil acolher, aceitar e respeitar esta diversidade. Esta riqueza não é fruto de nosso esforço. Existia antes de nascermos. Nascermos para ser parte dessa riqueza e diversidade. É todo um presente, um dom, uma graça que recebemos sem ter pedido. Se é presente, em princípio, não deveríamos converter-nos em proprietários dela, e sim em **cuidadores responsáveis**. A terra é a casa comum da humanidade. Todos temos direito a viver de forma responsável nela. Nesta casa todos estamos convidados a colocar nossas capacidades a disposição para servir e cuidar de todos. Somos **pessoas individuais** e ao mesmo tempo **pessoas em relação**. Viver com espírito ecumênico nos faz descobrir estas coisas. Esse mesmo espírito nos faz sentir que a acumulação, apropriação e concentração de bens são formas de convivência indevidas e também injustas, pois rompem a harmonia desta casa comum. Viver com espírito ecumênico nos permite ver a vida, nós mesmos, os demais e o cosmos de forma nova.

Para refletir:

1. Sentes-te parte do mundo, dessa casa comum que é o universo? Ou tua experiência é estar a margem de tudo?
2. Que importância tem a natureza em tua vida?
3. Temos corpo e somos corpo. Como lido com as diferenças do meu corpo nas relações com os outros?
4. Aceitamos a diversidade na nossa imagem externa? Porque é tão difícil aceitar as diferentes formas de pensar e sentir?

5. Que consequências tem na vida e nas relações a acumulação, apropriação e concentração dos bens?
6. Que contribuições podes oferecer para que nesta casa comum todos estejamos melhor? Descubra e exponha o artista que existe dentro de ti.

Dinâmica:

1. Faça um desenho de ti, ressaltando as características visíveis.
2. Faça um desenho de ti em relação com os outros e o meio que te rodeia.



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 6: Espírito ecumênico e trabalho

Objetivo: Aprender a valorizar a dignidade de todo o trabalho que realizamos na sociedade.

Fato da vida – situação de vida

Numa universidade um professor via o pouco caso que faziam seus colegas e os alunos das pessoas que faziam a limpeza. Perguntava se isto era por uma desconsideração da pessoa como tal ou da função de limpador ou por ambos.

Ele, muito estimado por seus colegas e pelos alunos, decidiu fazer-se de limpador para ver se iam reconhecê-lo e considerar. No dia que veio vestido de limpador colocou-se na entrada onde todos tinham que passar e, certamente, vê-lo e saudá-lo.

Todos passaram e ninguém o saudou nem o viram e, claro, não o reconheceram.

Ficou bem comprovado que a discriminação e o não reconhecimento era consequência da não valorização da pessoa, por sua função de limpador tão necessária para que todos se sintam bem no ambiente...

Desenvolvimento do tema

Nossa sociedade está organizada em uma infinidade de atividades laborais que permitem seu funcionamento. Desta realidade todos somos conscientes de modo diverso. Podemos certamente questionar se esta é a melhor organização possível e de fato o questionamos, expressando assim nossos desejos de outras formas de convivência mais humanas, dignas e justas.

Todos os trabalhos são importantes; de alguma maneira todos tem sua razão de ser – desde o pessoal que limpa as ruas até quem trabalha nas mais altas esferas da direção de um país. Todo trabalho tem sua dignidade ainda que, de forma indevida e injusta, estabelecemos dignidades diferenciadas para as diferentes funções. Esta forma de estabelecer dignidades sobre os outros, de alguma maneira faz mal a todos, nos empobrece e distancia. Expressamos assim uma maneira pobre e muito isolada de ver a vida em nós e nos outros.

Reconhecer esta diversidade e aceitá-la é começar a compreender a pluralidade da vida, de nossa convivência, das contribuições que cada um brinda e também recebe para o bem estar de todos.

O espírito ecumênico nos ajuda a valorizar esta realidade de forma digna para todos. E o mesmo espírito nos faz ser críticos pois em nossa convivência diária descobrimos, que nem todos tem a possibilidade de oferecer sua contribuição ao bem comum, ficando com isso, todos empobrecidos.

Para refletir:

+ O texto bíblico 2 Tes. 3,6-12. Este texto ilumina situações apresentadas no tema que estamos refletindo?

+ No teu parecer, que trabalhos são mais valorizados e que trabalhos menos valorizados?

+ Descubra e partilhe os valores e contribuições que esses trabalhos não valorizados oferecem à sociedade.

+ Que contribuições podem oferecer pessoas como tu na sociedade para que nela todos nos sintamos reconhecidos em nosso fazer?

Dinâmica:

(Materiais que se requerem: revistas, papelógrafos, colas, tesouras, marcadores)

Formar 4 grupos e cada grupo execute uma das tarefas que seguem:

1. Elabore um tabuleiro ou, fotomontagem expressando os trabalhos considerados nobres.
2. Elabore uma fotomontagem expressando os trabalhos considerados médios ou comuns.
3. Elabore uma fotomontagem expressando os trabalhos considerados menos nobres.
4. Elabore uma fotomontagem que inclua todos os níveis de trabalho.



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 7: Espírito ecumênico e religiões

Objetivo: Descobrir a presença da vida em suas distintas expressões religiosas e valorizar a liberdade de Deus que se comunica como quer e onde quer.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

Todo ser humano, toda pessoa busca aquilo que dá sentido a sua vida. Somos como viajantes em busca de sentido. O concreto e palpável nos preenche mas também precisamos daquilo que nos transcende, que vai além de nós. Esta realidade nos fala de nossa própria vida: somos o que vemos com os olhos, e somos algo mais, somos mais que a matéria.

Desde tempos antigos, na vida dos povos, encontramos formas diversas de nomear, dar culto e relacionar-se com a divindade. Todas elas são legítimas e fruto da cultura e da vida das pessoas. Mas a divindade, que se manifesta na vida concreta, não pode encerrar-se nestas formas ou só em uma maneira determinada. A Divindade sempre nos transcende.

Não devemos absolutizar nossa forma de ver as coisas, nossas formas de expressar a fé. Toda absolutização é relativizar o que é diferente a nossa expressão ou manifestação de fé. Não devemos fechar-nos para as diferentes revelações do divino que se expressa mais além de nossas visões. Devemos deixar Deus ser Deus e não querer limitá-lo ou aprisioná-lo em nossas formas e modelos. O ser divino e com ele a verdade, é também carne de nossa carne, presente de alguma maneira em todo ser humano, em toda criação, e em toda essa riqueza do universo que o apresenta e manifesta de modos diversos.

Ninguém é dono da verdade e todos estamos em busca dela.

Ser pessoas de espírito ecumênico nos ajuda a valorizar o que de verdade existe nos demais. Jesus mesmo descobre o bem, a verdade, mais além de suas fronteiras, da religião oficial e do jeito de viver (João 4,1-45). Ele também nos convida a sermos buscadores de tudo o que é bom, esteja onde estiver e com delicadeza sábia nos diz que uma vez encontrando o bom, façamos nós o mesmo (Lucas 10,25-37). D'Ele se diz que é o caminho, a verdade e a vida. Por isso, só aproximando-nos do ser humano concreto, mulher e homem, em sua cultura e circunstâncias, poderemos aproximar-nos da verdade, da própria vida e este é o caminho.

Para refletir:

1. Existem em tua redondeza expressões religiosas diferentes da tua? Quais e como te sentes em relação a elas?
2. Que conheces dessas expressões religiosas?
3. Que posso fazer para descobrir a riqueza de manifestações religiosas diferentes da minha?
4. Tenho algum amigo ou amiga que seja de outra confissão religiosa?
5. Na Frater, somos de diferentes confissões religiosas, como vivemos essa riqueza que está dentro de nossa fraternidade?
6. Possibilitamos, juntos, espaços para partilhar a fé comum, mesmo que expressada de forma diversa?



ESPÍRITO ECUMÊNICO

Tema 8: Espírito ecumênico e fraternidade

Objetivo: Aprender a viver na Fraternidade com espírito ecumênico.

Fato da vida – situação de vida

Desenvolvimento do tema

A missão da Frater é ajudar às pessoas com ou sem deficiência a aceitar-se e amar-se assim como são e, **colocando-se de pé** com seus irmãos e irmãs, construir relações de fraternidade.

Nosso inspirador Pe. François e as primeiras militantes do movimento, através dos contatos pessoais, deram exemplo, para quem quiser segui-las, de humildade e dedicação, também de alegria na valorização de cada pessoa que encontravam. Elas iam ao encontro de toda pessoa com deficiência, independentemente de sua origem, credo, cor, raça ou tendência. Para elas, o que valia sempre e acima de tudo, era a pessoa humana.

O movimento existe para incluir as pessoas e superar as exclusões. Naquela época isto era uma novidade e ainda continua sendo em nossos dias. Ainda tem muitas pessoas que, por causa de sua limitação física, continuam sendo excluídas sem possibilidade de ajuda, sem oportunidade de levantar-se e assumir a vida. Cada um de nós que formamos a fraternidade, somos continuadores e recriadores desse projeto. Queremos estar abertos a todos. Por isso deixemo-nos mover sempre por esse espírito ecumênico, aberto a tudo e a todos.

Em meio a tudo isso, se olhamos bem nossa vida, ainda descobrimos medos, comodismos e busca de seguranças que nos paralisam neste caminhar. Também podemos assinalar outras dificuldades em nosso diário viver e fazer: centralizações que geram dependências, coordenações que não facilitam a participação e o assumir responsabilidades, chefes que reproduzem relações de desigualdade e discriminação já presentes em nossa sociedade. Enfim, o desafio existe desde suas origens. E todo desafio nos fala de um passado, mas acima de tudo nos lança a um futuro.

É necessário aprender a olhar bem pra nós mesmos e também para os demais. Cada um é único. Todos temos muito que oferecer desde nossas capacidades e possibilidades. Dizemos: “Nossas capacidades superam nossas limitações”. Todos temos capacidade de acolhida. Em todos nós há capacidade de escuta. Também podemos aprender a trabalhar juntos. O importante é querer caminhar e ser com os outros. Podemos fazer acontecer uma sociedade **mais de todos**, sem exclusões. O espírito ecumênico é nossa força. O espírito ecumênico, este mesmo que animou a Jesus, é força transformadora desde nossa realidade concreta.

Para refletir:

(Sugerimos dividir em grupos de 6 pessoas para refletir as seguintes perguntas). Se escolhe um secretário(a) que anota as respostas encontradas por todos e se escolhe um(a) coordenador(a). Ao finalizar, alguém do grupo ou o(a) secretário(a) partilhará as respostas no plenário.

1. Porque Pe. François valorizava sempre e acima de tudo a pessoa humana?
2. Percebemos a novidade e a contribuição que ainda hoje um movimento como a Fraternidade Cristã de pessoas com deficiência, pode oferecer à sociedade, incluindo as Igrejas?
3. Que coisas em nossa Fraternidade estão paralisando ou limitando a contribuição que podemos oferecer e que os outros têm direito a receber?
4. Que podemos e queremos fazer, pessoal e coletivamente, para que a visão de Pe. François seja uma realidade em nosso meio?

Anexo 1

O MARCENEIRO E AS FERRAMENTAS

Contam que, em uma marcenaria, houve uma estranha assembléia.
Foi uma reunião onde as ferramentas juntaram-se para acertar suas diferenças
Um martelo estava exercendo a presidência, mas os participantes exigiram que ele renunciasse.
Fazia demasiado barulho e além do mais, passava todo tempo golpeando
O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, alegando que ele dava muitas voltas para conseguir algo.
Diante do ataque o parafuso concordou, mas por sua vez pediu a expulsão da lixa.
Disse que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos.
A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro, que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fosse o único perfeito
Nesse momento entrou o marceneiro, juntou todos e iniciou o seu trabalho.
Utilizou o martelo, a lixa, o metro, o parafuso...
E a rústica madeira se converteu em belos móveis
Quando o marceneiro foi embora, as ferramentas voltaram à discussão.
Mas o serrote adiantou-se e disse
- Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o marceneiro trabalha com nossas qualidades, ressaltando nossos pontos valiosos...
Portanto, em vez de pensar em nossas fraquezas, devemos nos concentrar em nossos pontos fortes.
Então a assembléia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limpar e afinar asperezas, e o metro era preciso e exato.
Sentiram-se como uma equipe, capaz de produzir com qualidade; e uma grande alegria tomou conta de todos pela oportunidade de trabalharem juntos.
O mesmo ocorre com os seres humanos
Quando uma pessoa busca defeitos em outra, a situação torna-se tensa e negativa.
Ao contrário, quando se busca com sinceridade os pontos fortes dos outros, florescem as melhores conquistas humanas.
É fácil encontrar defeitos...
Qualquer um pode fazê-lo !
Mas encontrar qualidades?
Isto é para os sábios !!!

Autor desconhecido

Anexo 2

Pequeno Histórico do Movimento

Tudo começou ao pé da cama de Bernardete Buffon, reumática articular aguda, internada num hospital, junto com Margarida e Joannette, três limitadas físicas e que pediram visita do capelão Pe. Henri François.

Mas quem era este visitador?



HENRI, LÉON, JOSEPH MARIE François (Este era todo seu nome), nasceu em Ligny- França, em 8 de maio de 1897. Respondendo ao apelo vocacional, ingressou no seminário em 1916 Adoecendo gravemente – tuberculose e cardiopatia, doenças sem tratamento na época. Em 1921, gravemente doente a direção do Seminário o entregou à família para que o cuidasse. Em 09/06/1922, foi ordenado, em triste estado de saúde e no dizer do Bispo Cinisty : “ Vou ordená-lo para que possa celebrar umas missas antes de morrer.” Não lhe deu nenhum destino. “ Volte para sua família e cuide-se”.

Recuperando um pouco a saúde junto à família, apresentou-se ao Vigário e colocou-se a serviço, e o Vigário perguntou: “ O que poderá fazer?...**Vá visitar Doentes**”. Tal foi o início do caminho da Providência! Lhe era reservada uma grande Missão. Foi se recuperando e como capelão de um Hospital Psiquiátrico, comentou: “ Esses contatos com os doentes mentais, foram para mim uma experiência extraordinária constatando a fragilidade do mecanismo psíquico e suas repercussões na pessoa.”

Mas foi em 1937, então na cidade de Verdum, palco da segunda guerra mundial, em meio a mutilados, onde começou fazer visitas domiciliares a doentes crônicos e deficientes, redutos da guerra. Nesta cidade de operários, descobriu não apenas o mundo dos doentes, mas também o mundo dos pobres. Era o começo onde se forjaria o **‘FUNDADOR “da FCD. Disse ele: “ Sou da opinião de que esta experiência me preparava para a FRATERNIDADE’**. Filho de uma família burguesa, doze irmãos, dos quais, só 5 sobreviveram, nunca tinha visto, tão de perto, o mundo da pobreza e mesmo da miséria, pois, nessa época, sem Seguridade Social, o operário era colocado na condição de mendigo. Isto foi definindo sua vocação..

Em recuperação, assumiu a capelania de um hospital e impossibilitado de continuar as visitas, solicitou as três :” **Bernardete, Margarida e Joannete**, o substituíssem nesta tarefa.

Em 6 de julho de 1942, fez a primeira reunião. Pe. François, tratou da missão à qual, as três visitadas estavam se incumbindo e insistiu **não fossem surdas à graça e aprendessem a se amar, se unir e cultivar a amizade e se ocupar dos outros doentes e deficientes**. Lhe fez perceber a responsabilidade que tinham em função dos (as) que ainda esperam por alguém.

A expansão se deu rapidamente em toda cidade de Verdum e mesmo na França. O número de visitados(as) ia aumentando. Para incentivar e motivar o grupo, o Fundador fazia reuniões seguidamente.

Por sugestão de Pe. Altamayer, também doente e que veio logo a falecer, e com o apoio de François, o grupo de deficientes, solicitaram ao Bispo um retiro espiritual, considerado na época, uma loucura, mas que se realizou de 13 à 17 de junho de 1945. Inicialmente eram 45 pessoas e no final do encontro, mais de 100: muitos(as) de cadeira, outros(as) de muletas, grande número nas macas ... Foi um transbordamento de alegria e a grande descoberta feita era, o da alegria por se sentirem valorizados(as), estabelecer laços fraternos e sair do isolamento. De assistidos(as) passaram a assumir responsabilidades. Pelo que de fantástico, em termos de VIDA, lá aconteceu, por **unanimidade decidiram se encontrar novamente**, e estava **FUNDADA A FRATERNIDADE**, movimento de evangelização de “ leigo para leigo”. François passou a dedicar a vida, com extraordinária bondade e disponibilidade à FCD seus prediletos, junto com os pobres.

A Fraternidade vai a todos(as) e tem como proposta a promoção integral do doente e deficiente. Devolver-lhe, não só a possibilidade de viver, mas ainda, o gosto e alegria pela VIDA..., a descoberta de valores, potencialidades, a integração familiar, comunitária e social, não se sentindo assistidos(as), mas responsáveis pela construção de sua própria história.

A Fraternidade tem característica própria. Não é uma associação, nem uma obra social. Mas um MOVIMENTO... nele sempre há lugar, e o essencial é atingir a todos os doentes e deficientes, independente de cor, raça, religião, nacionalidade. Nele se cultiva o espírito cristão, acessível a qualquer pessoa, sem distinção.

Chegou ao Brasil em 1972, através de um seminarista Vicente Masip jesuíta, iniciando um primeiro núcleo em São Leopoldo (RS), espalhando-se rapidamente por outras regiões do Estado e por outros

Estados da Federação, contando na atualidade com, aproximadamente, 130 núcleos em atividades e 20 em formação.

Envolve em sua atividade evangelizadora cerca de 15.000 pessoas, doentes e deficientes, colaboradores, membros de congregações religiosas, clero diocesano, pastores de igrejas, irmãs e agentes pastorais.

Plenamente consciente da marginalização dos doentes e deficientes, dentro de uma sociedade com acentuadas injustiças e discriminações, afirma seu espírito de serviço juntamente com este grupo de pessoas, fundamentando seu trabalho na Fraternidade Evangélica, dirigindo-se a todos indistintamente.

